SEMINÁRIO DESIGN DE IMAGEM

A CONVERGÊNCIA VISUAL

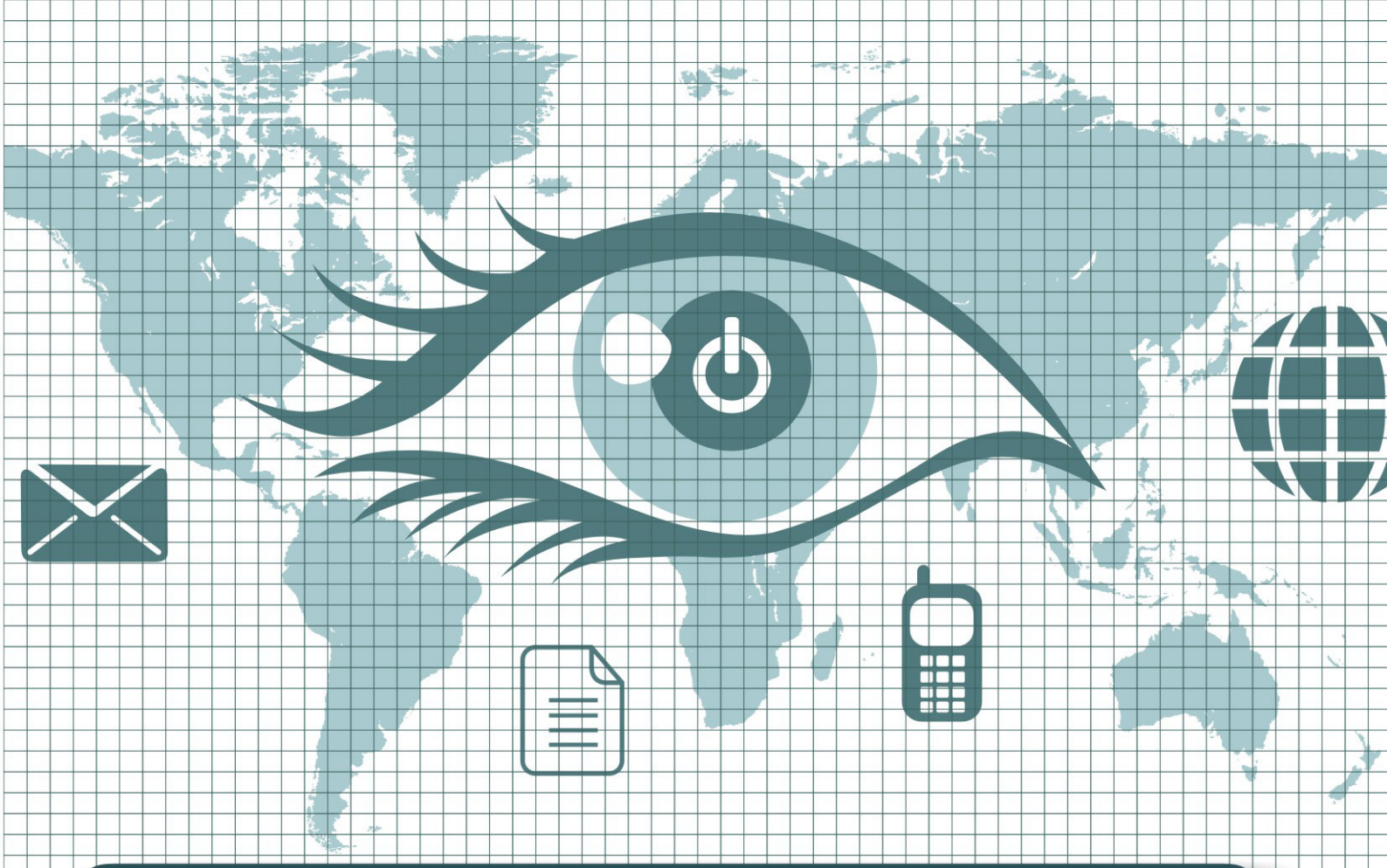
ANAIS DO SEMINÁRIO

8 a 11 de setembro 2014

CENTRO EM ESTUDOS DE DESIGN DA IMAGEM

ESCOLA DE DESIGN UEMG

EdUEMG



SEMINÁRIO DESIGN DE IMAGEM

A CONVERGÊNCIA VISUAL

Eliane Meire Soares Raslan
(Organizadora)

Barbacena
Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais - EdUEMG
2014

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG

Reitor
Dijon Moraes Júnior

Vice-Reitora
Santuza Abras

Chefe de Gabinete
Eduardo Andrade Santa Cecília

Pró-Reitor de Planejamento, Gestão e Finanças
Giovânio Aguiar

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós Graduação
Terezinha Abreu Gontijo

Pró-Reitora de Ensino
Renata Nunes Vasconcelos

Pró-Reitora de Extensão
Vânia Aparecida Costa

Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais - EdUEMG

Avenida Coronel José Máximo, 200 - Bairro São Sebastião
CEP 36202-284 - Barbacena /MG | Tel.: 55 (32) 3052-3105
eduemg.uemg@gmail.com

Conselho Editoral da EdUEMG
Dijon Moraes Junior (Presidente)
Fuad Kyrillos Neto
Helena Lopes
Itiro Iida
José Eustáquio de Brito
José Márcio Barros
Paulo Sérgio Lacerda Beirão
Vânia A. Costa

Coordenação
Daniele Alves Ribeiro de Castro

Diagramação
Marco Aurélio Costa Santiago

A correção ortográfica e o conteúdo de cada texto são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Seminário Design de Imagem: A covergência Visual (2014: Belo Horizonte, MG).
Anais de seminário, Belo Horizonte, Brasil, 8 a 11 de setembro de 2014 / Organizadora: Eliane Meire Soares Raslan; Centro de Estudos de Design da Imagem - Escola de Design – Universidade do Estado de Minas Gerais. Barbacena, MG: EdUEMG, 2014.
56p. il.: color.

ISBN 978-85-62578-41-0

1. Design. I. Raslan, Eliane Meire Soares. II. Escola de Design – Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título. IV. Título: Anais de Seminário Design de Imagem.

CDU: 7.05

Elaborada por: Sandro Alex Batista - Bibliotecário CRB6: 2433

8 a 11 de setembro de 2014
Centro de Estudos de Design da Imagem - Escola de Design
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Belo Horizonte

Coordenadora:
Profa. Eliane Meire Soares Raslan

Comissão organizadora e Comissão Científica dos Centros de Pesquisa:
Núcleo de Quadrinhos e Ilustrações (NIQ)
Professora Eliane M. Soares Raslan
http://niqeduemg.blogspot.com.br

Núcleo de Design e Fotografia (NUDEF)
Professores Rogério de Souza e Silva e Roxane Sidney R. de Mendonça
http://www.mixiricafotodesign.tumblr.com/

Animação – Professores José Rocha Andrade e Rosemary Portugal G. de Souza

Cinema – Professora Rita Aparecida C. Ribeiro

Arquivo de som e imagem (ASI) – Professora Marcelina das Graças de Almeida

Grupos de Trabalhos (GTS)

GT 1 – CINEMA DE ANIMAÇÃO
Comissão responsável: Professores José Rocha Andrade e Rosemary Portugal G. de Souza

GT 2 - IMAGENS VISUAIS E AUDIOVISUAIS POR MEIO DE ANÁLISE DE DISCURSO
Comissão responsável: Profa. Eliane Meire Soares Raslan

GT 3 – INTERFACES CRIATIVAS E COMUNIDADES VIRTUAIS DOS QUADRINHOS PARA O CINEMA DE ANIMAÇÃO
Comissão responsável: Profa. Eliane Meire Soares Raslan

GT 4 – FOTOGRAFIA DE PESSOAS: O OLHAR SOBRE O OUTRO
Comissão responsável: Rogério de Souza e Silva e Roxane Sidney R. de Mendonça

GT 5 – DESIGN: HISTÓRIA E MEMÓRIA
Comissão responsável: Profa. Marcelina Das Graças de Almeida

GT 6 – CINEMA E INTERFACES VISUAIS: SERIADOS E QUADRINHOS
Comissão responsável: Professora Rita Aparecida C. Ribeiro

GT 7 - CINEMA E INTERFACES DIALÓGICAS: LITERATURA E MÚSICA
Comissão responsável: Professora Rita Aparecida C. Ribeiro

Conferencistas:
Mr. Sávio Leite e Silva (Artes Visuais/UFMG)
Palestra: Conceito e Construção da Imagem na Animação Underground
Dra. Mariana Ramalho Procópio (UFV)
Palestra: Interfaces entre as Linguagens Audiovisual e Quadrinhográfica: Quando a Ficção e a Factualidade se Misturam.
Dr. Maurício Silva Gino (UFMG)
Palestra: Quadrinhos e Animação: o hibridismo como campo para a experimentação
Christian Perona (Publicitário)
Palestra: Retratos – Extraindo o Melhor da Luz Natural
Márcio Rodrigues (Fotógrafo)
Palestra: Aproximações entre o Fotógrafo e o Fotografado
Dr. Juarez Guimarães Dias (UFMG)
Palestra: Cinema e Teatro
Ms. Elisângela B. da Silva (UFMG)
Palestra: Cinema e Publicidade
Ms. Emerson Nunes Eller (UEMG)
Palestra: Monsã e os traços do modernismo nas capas da revista Bello Horizonte
Ms. Adriana N. Dornas (UEMG)
Palestra: Cultura Material e Design: No mundo da Encantação

Sumário

Apresentação **7**

Conceito e construção da imagem na animação *underground*
Sávio Leite e Silva **8**

Interfaces entre as linguagens audiovisual e quadrinhográfica: quando a ficção e a factualidade se misturam
Mariana Ramalho Procópio **10**

Quadrinhos e animação: o hibridismo como campo para a experimentação
Maurício Silva Gino, Danilo Aroeira de Pinho Tavares **12**

Retratos – extraindo o melhor da luz natural
Christian Perona **14**

Interlocuções entre cinema e teatro: a linguagem do teatro-documentário em "Marilyn Monroe.doc"
Juarez Guimarães Dias **15**

Cinema e publicidade
Elisangela Batista da Silva **17**

Monsã e os traços do modernismo nas capas da revista Bello Horizonte
Emerson Nunes Eller, Marcelina das Graças de Almeida **18**

Cultura material e design: no mundo da encantação
Adriana Nely Dornas Moura **20**

A "High Society" e a globalização: um estudo crítico das tradições da alta sociedade e sua relação com o contemporâneo
Caroline Valentim, Cristina Lima; Deyse Neto, Thaís de Freitas **22**

Tecnologia digital: a vulnerabilidade no uso da Internet
Daisy Aparecida Santos Carneiro, Daniele Aparecida Ferreira de Carvalho, Silvana Inácio Bárbara, Lauriel Sílivas **24**

Meio ambiente e as atitudes do jovem contemporâneo: Discursando sobre a imagem educacional
Eliane M. S. Raslan, Bruna Dalva Avelar, Glória Rezende, Jennifer Martins **26**

Frida Kahlo multifacetada: análise icônica de seus autorretratos
Maira Guimarães, Raquel Abreu-Aoki **29**

O jornalista que criou o herói: uma análise das funções, imagens e valores do jornalismo em "Super Zero"
Maria Aparecida Pinto **30**

As estratégias discursivas na constituição do mito Silvio Santos
Rafael Barbosa Fialho Martins, Marcos Vinícius Meigre e Silva **33**

Resgate da memória cultural através de imagens: um olhar sobre o outro
Taís de Souza Alves Coutinho **34**

Revelando pessoas comuns: fotonarrativas produzidas pela imersão em espaços públicos de Viçosa
Robson Evangelista dos Santos Filho, Mariana Ramalho Procópio Xavier **35**

***Keep on truckin'*: os quadrinhos de R. Crumb a partir de uma perspectiva semiolinguística do discurso**
Patrícia Novato Mereles, Mariana Ramalho Procópio **37**

Música e cultura: a música como meio de comunicação e reflexo da cultura
Camila Nathana; Erik Baptista; Gabriela Oliveira; e Géssica Bertolino **39**

Análise imagética do acervo arquitetônico tombado no trecho do Caminho de Sabarabuçú / Estrada Real
Monica Fischer, Carolina dos Santos de Oliveira, Anna Carolina Santos Costa **41**

Comunidades virtuais nos quadrinhos com o anarquismo e o feminismo: interfaces criativas com Franziska Becker
Eliane M. S. Raslan, Barbara Avelino **43**

Gente como a gente: o olhar sobre pessoas marginalizadas pela sociedade
Sérgio Luiz da Conceição Felix, Laene Mucci Daniel **45**

Rua da Bahia: Espaço de Mutação - uma análise entre a História e o Design
Caroline Almeida Nobre, Marcelina das Graças de Almeida **47**

Revendo história: imagem e som - gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design/UEMG
Ana Luiza Almeida Viveiro, Marcelina Das Graças De Almeida **48**

Pesquisas de memórias familiares e imagéticas do vestuário infantil da década de 1940 e de modelagem de resíduo zero para o desenvolvimento de coleção de moda infantil
Fabiana Guimarães, Luciana Duarte, Juliana Barbosa **50**

De Peirce ao Cosmos: análise semiótica das imagens visuais a partir das percepções de visitantes em uma exposição de astronomia
Délcio Julião Emar de Almeida, Mauríco da Silva Gino, Ronaldo Luiz Nagem **52**

Resgate da memória cultural através de imagens
Taís de Souza Alves Coutinho **56**

Apresentação

O **Seminário Design de Imagem: A Convergência Visual** promovido pelo Centro de Estudos em Design da Imagem ED/UEMG e organizado pelas suas áreas de pesquisa, Núcleo de Ilustrações e Quadrinhos (NIQ); Núcleo de Fotografia e Design (NUDEF); Arquivo de som e imagem (ASI); Animação; e Cinema, da mesma Instituição, tem por objetivo promover o diálogo e a troca de experiências e conhecimentos entre estudantes, professores, pesquisadores e profissionais da área em questão, por meio de trabalhos apresentados no Seminário, mesas redondas e palestras. O resultado deste Seminário será apresentado em Anais, listados em publicação digital, com o intuito de proporcionar um cenário abrangente do que foi discutido no evento, possibilitando assim, verificar as diversas opiniões e difundir o assunto, sobre a maneira de se pensar e fazer imagem. O Seminário ocorrerá anualmente, sendo que o primeiro ocorreu no ano de 2013, junto a Semana UEMG, promovido pelo Centro de Extensão da própria Escola de Design na Universidade UEMG.

Palavras-chave: Design; Imagem; Convergência Visual; Mercado; Pesquisa.

Conceito e construção da imagem na animação *underground*

Sávio Leite e Silva[1]

Resumo Expandido

O que é “cinema underground”, qual a sua diferença para a animação tradicional e que conhecemos na mídia comercial. Quais são os temas abordados e por quê? Existe uma estética e linguagem própria? Quem são os principais animadores deste gênero e algumas obras famosas. O cinema de animação tem um caráter underground por excelência, ou seja, não é bem visto pelos seus pares, o cinema de ação direta e nem por seu primo mais próximo a pintura. Dentro do cinema como um todo, primeiro foi tratado como uma técnica até surgir filmes feitos com várias técnicas. Passou a ser um gênero. Mas é possível fazer comédia, drama, documentário, aventura e terror usando as técnicas do cinema de animação. Para piorar a situação foi muito absorvido pelo público infantil ficando durante décadas sendo divulgado somente para esse público específico. O cinema de animação sempre viveu um dilema, fazendo desse movimento arte, uma arte subterrânea, com alta dose de subversão. Desde 2000 a animação tem apostado em outra direção para poder conquistar um público maior tocando em assuntos pertinentes a sociedade. Através de animações como as do japonês Hayao Miyasaki, Persépolis de Marjane Satapri, Valsa com Bashir de Ari Folman, o cinema de animação tem tocado em assuntos pertinentes a sociedade como guerras, violência, exclusão social e política. No Brasil vários realizadores destacam: Otto Guerra, Allan Sieber, Marao, Victor Hugo Borges, Arnaldo Galvão, Cesar Cabral, Mauricio Squarisi e Wilson Lanzaretti são alguns dos nomes que tem elevado a animação brasileira à categoria de arte sendo premiados internacionalmente. Em Belo Horizonte, desde 2003, é realizado a mostra MUMIA – evento anual que se torna um espaço de experimentação e divulgação dessa arte, considerado o segundo maior de festival do Brasil e que faz parte do calendário turístico da cidade.

Palavras-chave
Animação; Underground; Cinema.

Referências

BAN, Toshio. **Osamu Tezuka**: uma biografia mangá: São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003 (três volumes)

BARBOSA JUNIOR, Alberto Lucena. **Arte da Animação**: Técnica e Estética Através da História. São Paulo: Editora Senac. 2005

1 Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Ano de Obtenção: 2007. Professor / Animador / Cineasta. Conferência apresentada na Mesa O Cinema e a Imagem Animada no dia 08/09/2014. E-mail: leitefilmes@gmail.com

IRWIN, William, CONRAD, Mark T., SKOBLE, Aeon J. **Os Simpsons e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2004.

OBE, John, SITO, Tom, WHITAKER, Harold. **Timing em Animação**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2012.

PEREIRA, Paulo Gustavo. **Animaq**: almanaque dos desenhos animados. São Paulo: Matrix, 2010

PERISIC, Zoran. **Guia prático do cinema de animação**. Lisboa: Editorial Presença. 2001

PRICE, David A. **A magia da Pixar** – Como Steve Jobs e John Lassester fundaram a maior fábrica de sonhos de todos os tempos – Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PURVES, Barry. **Stop-motion**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

WIEDEMANN, Julius. **Animation Now**. Rio de Janeiro: taschen, 2004.

WILLIAMS, Richard. **The Animator's Survival Kit**. London: Faber and Faber Inc. 2001

WOODS, Paul A. – **O estranho mundo de Tim Burton**: São Paulo, Leya, 2011.

Interfaces entre as linguagens audiovisual e quadrinhográfica: quando a ficção e a factualidade se misturam

Mariana Ramalho Procópio[2]

Resumo Expandido

O objetivo de nossa apresentação é refletir sobre as relações possíveis entre ficção e factualidade, sobretudo em gêneros que fazem uso das linguagens quadrinhográfica e audiovisual. Partindo de considerações teóricas sobre tais tipos de linguagens, colocadas em uso por gêneros diversos (histórias em quadrinhos, filmes, reportagens, telenovelas, publicidades, minisséries, dentre outros), procuramos discutir de que maneira tais linguagens se relacionam com o estatuto de factualidade ou ficcionalidade das produções discursivas nas quais estão inseridas. Tradicionalmente, os gêneros que fazem uso da linguagem quadrinhográfica costumam ser compreendidos como predominantemente ficcionais, por meio de um ato de linguagem narrativo icônico-verbal. Raciocínio análogo pode ser aplicado às produções discursivas que recebem a rotulação de jornalística: costumeiramente, estas serão pensadas como efetivamente factuais. Todavia, é possível que o uso da linguagem quadrinhográfica aconteça também em produções discursivas jornalísticas, factuais, sem com isso comprometer o estatuto das mesmas. É o caso, por exemplo, de reportagens da vertente *jornalismo em quadrinhos* desenvolvidas por jornalistas como Augusto Paim e Alexandre de Maio. Em tais produções, identificamos elementos narrativos das duas linguagens, conjugados de maneira convergente. Ainda a presença de procedimentos de ficcionalidade acontece, mas de modo colaborativo, como resultado de estratégias discursivas. Para nossa reflexão, baseamo-nos, nas contribuições de Mendes (2004, 2008); McCloud (2009), Eisner (2005), Moletta (2009) e Cruz (2007).

Palavras-chave
Linguagem; Audiovisual; Quadrinho; Ficção; Factualidade.

Referências

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ, Dulce Márcia. Linguagem audiovisual: livro didático. 2. ed. rev. e atual. Palhoça : UnisulVirtual, 2007.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

2 Doutora em Linguística do Texto e do Discurso. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Conferência apresentada na Mesa Quadrinhos e Cinema: Novos Meios de Convergência da Imagem no dia 09/09/2014. E-mail: mariana.procopio@ufv.br

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2009.

MEIRELES, P. N.; PROCÓPIO, M. R. . O contar histórias sobre Robert Crumb: evidências biográficas e análise audiovisual. In: XIX Intercom Sudeste, 2014, Vila Velha-ES. **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2014.

MENDES, E. Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas. 267 f. **Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos**. FALE/ UFMG, Belo Horizonte, 2004.

_____ Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero. In: MACHADO, I.L.; LARA, G. P. M.; EMEDIATO,W.. (Org.). **Análises do discurso hoje**. vol. II. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008b, v. , p. 199-220.

MOLETTA, A. **Criação de curta metragem em vídeo digital**: uma proposta de produção de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

RAMOS, Paulo. A Leitura dos Quadrinhos. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SOULAGES, J. Instrumentos de análise do discurso nos estudos televisuais. In: LARA, G. M.P. et alli. **Análises do Discurso Hoje**, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2008, p. 254-277.

Quadrinhos e animação
o hibridismo como campo para a experimentação

Maurício Silva Gino[3]
Danilo Aroeira de Pinho Tavares[4]

Resumo Expandido

Desde suas origens, a animação mantém uma estreita relação com os quadrinhos e seus ilustradores, como nos aponta Alberto Lucena Barbosa Júnior em seu livro *Arte da Animação: técnica e estética através da história* (2002). Segundo o autor, as artes gráficas forneceram o material básico ao cinema que, no momento de seu surgimento como um novo aparato tecnológico, ainda ansiava pelo estabelecimento de uma estrutura narrativa e um código estético. E como um reflexo natural dessa influência, muitas histórias surgidas originalmente no campo das artes gráficas foram transpostas ao longo do tempo para o cinema, como por exemplo as diversas adaptações das Aventuras de Tintin, as histórias de Asterix e Obelix, e a novela gráfica Sin City. Surgem então diversas publicações que tratam dos processos de transposição, adaptação e intermidialidade, que envolvem o texto literário, o cinema, e suas relações com outras mídias. Neste contexto, destacam-se autores como McFarlane (1996), Müller e Scamparini (2003), Punzi (2007), dentre outros. Mas a aproximação e a hibridização entre esses dois dispositivos podem também servir de base para a experimentação, possibilitando o surgimento de filmes e/ou quadrinhos mais autorais. É o que se percebe na obra do artista gráfico e animador Bill Plympton, em que elementos próprios de um meio podem ser percebidos em outro. De acordo com as proposições de Graça (2006), a exploração do dispositivo em constante evolução e dos modos de codificação que vão surgindo, contribuem para o estabelecimento de uma obra verdadeiramente autoral.

Palavras-chave
Histórias em quadrinhos; Cinema de animação; Animação experimental.

Referências

BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da Animação: técnica e estética através da história**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

GRAÇA, Marina Estela. **Entre o olhar e o gesto – elementos para uma poética da imagem animada**. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

McFARLANE, Brian. **Novel to Film – An Introduction to the Theory of Adaptation**. New York:

3 Doutor em Ciência Animal (UFMG, 2009), professor da Escola de Belas Artes da UFMG. Apresentou este trabalho na Conferência de Mesa Quadrinhos e Cinema: Novos Meios de Convergência da Imagem no dia 09/09/2014. E-mail: mauriciogino@globo.com
4 Mestrando na Escola de Belas Artes da UFMG. Professor. E-mail: daniloaroeira@me.com

Oxford University Press, 1996.

MÜLLER, Adalberto. **Apresentação**. In: MÜLLER, Adalberto. SCAMPARINI, Julia. (orgs). **Muito além da adaptação: literatura, cinema e outras artes**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

PLYMPTON, Bill. **Aliens Mutantes**. São Paulo: Conrad Editora, 2001.

PUNZI, Maddalena Pennacchia. **Literary Intermediality**: an Introduction. In: **Literary intermediality: The transit of Literature through the media circuit**. Bern: Peter Leng, 2007.

Retratos – extraindo o melhor da luz natural

Christian Perona[5]

Resumo Expandido

Inúmeras são as possibilidades de se iluminar um modelo, muitos são os equipamentos de iluminação hoje disponíveis no mercado e maiores ainda os desafios para criar uma identidade própria no trabalho. Diante de tanta tecnologia e matérias exaltando o uso flashes para se obter o melhor resultado, o fotógrafo pode subestimar o uso exclusivo da luz natural. Por ser uma luz muitas vezes imprevisível e em constante mutação durante a sessão fotográfica pode deixar temerosos até os fotógrafos mais experientes. Porém trata-se de uma luz rica em qualidades que permite múltiplas possibilidades criativas que somadas a técnicas e alguns acessórios como o rebatedor pode trazer resultados surpreendentes. Uma das belezas de se utilizar essa luz é a possibilidade de se produzir imagens bem diferentes de um dia para outro, ou até mesmo de uma hora para outra. Já é possível ver muitos trabalhos de fotógrafos profissionais que abdicam, ainda que em tempo parcial, do uso de flashes para privilegiar o uso da luz natural na busca de um estilo pessoal ou para aproveitarem algumas de suas vantagens como a redução do peso e custo do equipamento, maior agilidade de trabalho e até a dispensa da presença de um assistente. Na palestra serão abordadas diversas formas de utilizar a luz natural ao se fotografar pessoas para se obter um resultado profissional.

Palavras-chave
Retrato; Luz Natural; Fotografia; Rebatedor; Sol; Dia;

Referências

KELBY, Scott. **The Digital Photography**. book Volumes 1, 2, 3 e 4. USA: Peachpit Press, 2013.

ADAMS, Ansel. **The Camera** (The Ansel Adams Photography Serie, Book 1). USA: Little Brown & Co, 1991.

5 Fotógrafo profissional, graduado em Publicidade e Propaganda pelo UNI-BH, estudou fotografia no Institut Spéos de Photographie de Paris, e é sócio da Sprint Impressão Digital, empresa no ramo de impressão de grandes formatos. Conferência apresentada na Mesa Fotografar o Outro no dia 11/09/2014. E-mail: adrianadornasmoura@gmail.com.

Interlocuções entre cinema e teatro: a linguagem do teatro-documentário em "Marilyn Monroe.doc"

Juarez Guimarães Dias

Resumo Expandido

As interlocuções entre o Cinema e o Teatro, iniciadas com o advento da Sétima Arte, ganham potência na encenação contemporânea, por meio da popularização de recursos tecnológicos como câmeras, *softwares* de edição e projetores e, particularmente, com o desenvolvimento recente no Brasil do "teatro-documentário". Essa linguagem tem como principal característica a utilização de documentos, fatos e memórias como fontes primárias para a elaboração de um espetáculo teatral, tem como marco o encenador alemão Erwin Piscator em 1925 e vem sendo alterada ao longo dos tempos. No Brasil, o tema ainda é pouco explorado e a principal referência bibliográfica é o diretor e pesquisador Marcelo Soler (2008), cuja Dissertação *Teatro-documentário: a pedagogia da não-ficção* (USP) promove um levantamento de conceitos, dados históricos e categorias de análise e estabelece uma ponte direta com o documentário cinematográfico. Para ampliar a discussão, tomamos como referência o espetáculo belorizontino "Marilyn Monroe.doc" (2013), destacando a experiência do autor na pesquisa teórica e prática-experimental de criação. Encenar a biografia do maior mito da cultura cinematográfica global implica invitavelmente na utilização cênica de excertos fílmicos, entrevistas e videoclipes, em que se puderam explorar questões relacionadas à convergência de mídias e aos deslocamentos necessários para a integração de novas linguagens na cena contemporânea.

Palavras-chave
Teatro-documentário; Convergência de mídias; Teatro contemporâneo; Marilyn Monroe

Referências

COIMBRA, Thaís Maria Campos. **Uma biografia encenada**: a linguagem do teatro documentário na construção do espetáculo "Marilyn Monroe.doc". 13 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Teatro – Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

DIAS, Juarez Guimarães. **A encenação de romances no teatro contemporâneo**: Aderbal Freire-Filho (Brasil) e João Brites (Portugal). 2012. 1 v. 251 p. Tese (Doutorado) – Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

---

6 Doutor em Artes Cênicas pela Unirio, Dramaturgo, Encenador e Professor do Curso de Comunicação Social da UFMG. Trabalho apresentado na Temática: Cinema e Outras Mídias: um diálogo convergente? E-mail: juarezgdias@gmail.com

MARILYN MONROE.DOC. **Dramaturgia e Encenação de Juarez Guimarães Dias**. Com Thaís Coimbra e Ítalo Mendes. Belo Horizonte, 2013. 1 DVD (80 min), som digital, cor.

SOLER, Marcelo. **Teatro-documentário: a pedagogia da não ficção**. In: Revista Sala Preta, v. 8, n. 1. São Paulo, 2008.

SOLER, Marcelo. **Teatro-documentário: a pedagogia da não-ficção**. 2008. 1 v. 156 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

Cinema e publicidade

Elisangela Batista da Silva[7]

Resumo Expandido

O cinema como conhecemos surge a partir de uma série de inventos e brinquedos óticos que iram culminar no cinematógrafo dos irmãos Lumière. O que parecia um invento sem futuro tornou-se a base de tudo que conhecemos hoje sobre imagem em movimento. A sua história é marcada por técnicas que desenharam a linguagem cinematográfica. Portanto, mesmo quando tecnologias como o vídeo e a imagem digital surgem, assimilaram e influenciariam muito dessa linguagem. A publicidade tem na sua essência o caráter de divulgar ou promover um produto/serviço ou ideia. Em muitos casos observa-se um diálogo entre o cinema e a publicidade, seja na utilização das técnicas de produção na realização de filmes publicitários, ou seja na apropriação da linguagem ou na utilização explícita de referência à obras cinematográficas na criação de peças publicitárias. O cinema comercial também lança mão das técnicas publicitárias para vender e promover os seus filmes, tanto por meio da merchandising, em marcas investem milhões para aparecerem durantes segundos em uma cena de ação, como também desenvolvendo promoções e produtos para a divulgação do filme. A proposta deste é refletir um pouco sobre essa relação entre cinema e publicidade por meio de conceitos e exemplos audiovisuais.

Palavras-chave
Cinema, Publicidade, linguagem, audiovisual

Referências

COSTA, Antonio. **Compreender o Cinema**. 2.ed. São Paulo: Globo, 1989.

COVALESKI, Rogério. **Cinema, Publicidade, Interfaces**. Curitiba: Maxi, 2009.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

7 Mestre em Design UEMG, Publicitária, Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH. Trabalho apresentado na Temática: Cinema e Outras Mídias: um diálogo convergente? E-mail: lili_batistabh@yahoo.com.br. Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/6091735813433892

Monsã e os traços do modernismo nas capas da revista Bello Horizonte

Emerson Nunes Eller[8]
Marcelina das Graças de Almeida[9]

Resumo Expandido

Este trabalho pretende apresentar um breve levantamento histórico acerca da trajetória e atuação de Domingos Xavier de Andrade, o Monsã (1903-1940), focalizando sua atividade como capista da revista Bello Horizonte na década de 1930. Período muito importante, mas que parece ter sido ofuscado devido ao extenso interesse pelo modernismo que se deu a partir da década de 1940. A revista Bello Horizonte foi um periódico semanal que circulou na capital mineira entre as décadas de 1930 e 1940. O periódico nos chama atenção por possuir características que remontam a um modernismo que ainda estava em desenvolvimento nas produções gráficas e artísticas da nova capital mineira e que veio se consolidar posteriormente. Portanto, o artigo pretende ainda evidenciar a contribuição dessas primeiras manifestações para a consolidação da estética modernista que reconhecidamente se deu a partir dos anos de 1940. Nesse sentido, questões sobre a primeira fase do modernismo no Brasil, sobretudo em Belo Horizonte, serão trazidas à tona como pano de fundo. Foram selecionadas do acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, cinco capas desse semanário e, a partir de uma análise formal desse material pretende-se ainda estabelecer relações entre as composições do artista gráfico com o modernismo e com o design gráfico moderno.

Palavras-chave
Monsã; revista Bello Horizonte; modernismo; design gráfico; artes gráficas.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. Fundos e coleções, Revista Bello Horizonte, documentos nos 003; 006; 007; 008; 009. Esta correspondência cobre o ano de 1933.

BORGES, Maria E. L. Uma visão da capital cinqüentenária. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Ano XLIII , Nº 2, p. 76-91, jul.-dez. 2007.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Blucher, 2004.

8 Designer gráfico, mestrando em Design, Inovação e Sustentabilidade pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Conferência apresentada na Mesa Design e Cultura Material: pesquisa e debate no dia 11/09/2014. E-mail: mersonn@gmail.com.
9 Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, docente na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Cursos de Graduação e pós-graduação, PPGD e do curso de História da Faculdade Estácio de Sá, Unidade Belo Horizonte, Campus Prado. E-mail: marcelinaalmeida@yahoo.com.br.

FONSECA, Mônica E. **O Salão Bar Brasil de 1936**: Antevisões do Modernismo nas artes plásticas em Belo Horizonte. II Encontro de história da arte. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2006.

C/ARTE. Infoarte - biografia resumida dos artistas. Com arte virtual. Disponível em: <www.comartevirtual.com.br/> Acesso em: 14 dez. 2013.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: uma apresentação**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RIBEIRO, Marília Andrés. **O Modernismo brasileiro**: arte e política. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 115-125, jan.-jun. 2007.

PINTO, Walter S. B. Coleção da revista Bello Horizonte é digitalizada, fev, 2011. Disponível em: <www.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_7/2011/02/09/ficha_agitos/id_sessao=7&id_noticia=34452/ficha_agitos.shtml> Acesso em 12 dez. 2013.

VIEIRA, Ivone Luiza. Emergência do Modernismo. In: RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro. **Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: C/Arte, 1997.

Cultura material e design: no mundo da encantação

Adriana Nely Dornas Moura[10]

Resumo Expandido

Ao se analisar o percurso da sociedade contemporânea percebe-se que a mesma se tornou globalizada e plural. Foi no final da década de 1980 e segunda metade dos anos 2000, que o mercado do colecionismo em peças de design produzidas em edições limitadas amadureceu, em resposta ao alto preço praticado pela arte. Podemos perceber que peças e objetos de outros períodos da história, adquirem novas valorizações. Com o conhecimento do mercado contemporâneo e da história de décadas passadas podemos entender como um designer ou um artista transforma-se ao longo do tempo. Os mesmos reinventam e revelam uma nova forma de ver e pensar seus objetos. Podemos estabelecer a importância de um designer analisando o efeito de sua obra entre seus pares, e como estes vão influenciar as gerações posteriores e estabelecer seu reconhecimento no futuro. Neste sentido este artigo busca compreender o perfil dos designers que se propõem a trabalhar neste novo cenário, a exemplo: Ron Arad, Tom Dixon, Marc Newson, Martin Szekely, Konstantin Grcic, Irmãos Campana, Maarten Baas, entre outros. Para realizar esta investigação serão apresentados os principais atores envolvidos neste mercado, tais como: os colecionadores, os marchands, os formadores de opinião, os designers e as casa de leilão. Conclui-se que a atuação destes atores, principalmente os designers, tem sido de inovação, explorando principalmente novos recursos tecnológicos, recriando e ressaltando aspectos culturais e de consumo. Este mercado ou estas peças apresentadas pelos designers, podem ser analisadas por diferentes ângulos, dependendo da abordagem que se quer estabelecer, tais como: linguagem, representação, registro, multimídia, dentre várias outras possibilidades dentro do universo cultural. Mas, só o futuro dirá quais designers e quais peças irão resistir ao tempo.

Palavras chave:
Arte; design; história; mercado, colecionismo.

Referências

AGOSTINETTI, Lúcia. **Arte contemporânea**: o novo que assusta. Curitiba: Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008. (Apostila).

AZEVEDO, Wilton. **O que é design?** São Paulo: Brasiliense, 1988.
BELL, Clive. The aesthetic hypothesis. In: HARRISON, Charles; WOOD, Paul. Arts in theory, 1900-1990. Oxford: Blackwell, 2000. v. 4, p. 1-15.

10 Mestre em Design, Inovação e Sustentabilidade" na linha de pesquisa " Design, Cultura e Sociedade" do Programa de Pós Graduação em Design pela UEMG e professora na UEMG- Universidade do Estado de Minas Gerais. Conferência apresentada na Mesa Quadrinhos e Cinema: Design e Cultura Material: pesquisa e debate no dia 10/09/2014. E-mail: adrianadornasmoura@gmail.com.

BRANZI, Andrea & Galli, Christian. **Ron Arad**. Tradução: Anna Quirino. São Paulo: Folha de S. Paulo. 2012, Coleção Folha Grandes Designers: v. 10.

BÜRDEK, Bernhard E. **História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

CAMARGO, Marcos Henrique. **As estéticas e suas definições da arte**. Revista Científica da FAP, Curitiba, v. 4, n. 1 p. 1-15, jan./jun. 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7ºed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

CIDREIRA, Renata. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

CIPINIUK, Alberto. **Design e artesanato**: aproximações, métodos e justificativas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Paraná. Disponível em: http://www.design.ufpr.br/ped2006/errata/Design%20e%20artesanato_%20 aproxima%E7%F5es,%20m%E9todos%20e%20justificativas.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2011.

COLI, Jorge. **O que é arte?** 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

DE MASI, Domenico (Org.). **A sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Ed. do SENAC, 1999.

FRANCASTEL, Pierre. **A arte e técnica nos séculos XIX e XX**. Tradução de Humberto D'Avilla e Adriano Gusmão. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Nobel, 2009.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre. Artmed, 2006.

LINDEMANN, Adam. **Coleccionar Diseño**. Madrid. Taschen, 2010.

MORAES, Dijon de. **Análise do design brasileiro**: entre mimese e mestiçagem. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

POYNOR, Rick. **Abaixo as regras**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SCHNEIDER, Beat. **Design - uma introdução**: o design no contexto social, cultural e econômico. São Paulo: Blucher, 2010.

SIBILIA, Paula. **Retrado do artista como celebridade**. Disponível em: http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2938,1.shl4/5. Acesso em 07 jun. 2014. SUDJIC, Deyan. Meaning beyond utility: the Campana brothers and postindustrial design. In: CAMPANA brothers: complete works (so far). New York: Rizzoli, 2010. p. 40-47.

A “High Society” e a globalização: um estudo crítico das tradições da alta sociedade e sua relação com o contemporâneo

Caroline Valentim[11]
Cristina Lima[12]
Deyse Neto[13]
Thaís de Freitas[14]

Resumo Expandido

As relações sociais envolvem diversos conflitos e momentos de acordo com as tradições de época. Dentro da ideia da globalização criamos um personagem central de para representarmos a sociedade de classe alta e as críticas contemporâneas, posteriormente, a confecção de uma HQ – História em Quadrinhos, de cunho humorístico e sarcástico. A protagonista, a socialite, Yolanda, é resultado de uma reflexão crítica sobre os valores de uma sociedade decadente, mas ainda presente nos dias atuais, onde o consumo e o status se sobrepõem a toda importância e significação da arte. De idade incerta, Yolanda, relembra constantemente cenas, personagens e acontecimentos do passado. A personagem parece estar constantemente mal humorada e se mostra saudosa de viagens e personagens que conheceu pelo mundo, segundo ela: “representantes da verdadeira elegância”. Jamais fica explícito se suas lembranças são reais ou fruto de invenção. O humor e o sarcasmo foram incorporados no projeto como facilitadores para retratar todo o conceito. A confecção da personagem é conceitual e reflete todo o discurso crítico que defendemos e representamos na HQ. São diversas as versões criativas desta personagem que passa do boneco de isopor as histórias em quadrinhos.

Palavras-chave
Socialite; Decadência; Humor; Sarcasmo; Globalização.

Referências

BARREIROS, Daniel de Pinho. **Estabilidade e crescimento**: a elite intelectual moderno-burguesa no ocaso do desenvolvimento (1960-1969). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia departamento de História. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2006.

CARVALHO, Cristina Henrique Bernardes. **Da decadencia a regeneração**: jacinto e o percurso

---

11 Licenciada em Artes Visuais pela Escola de Design - UEMG. Trabalho apresentado no seminário de Design de Imagem: Trabalho apresentado no GT 03 – Interfaces criativas e comunidades virtuais dos quadrinhos para o cinema de animação. E-mail: carol.valentim@hotmail.com. Orientadora e coordenadora deste projeto Eliane M. Soares Raslan. E-mail: elianest2002@yahoo.com.br
12 Licenciada em Artes Visuais pela UEMG. E-mail: crislcbh@gmail.com
13 Licenciandas em Artes Visuais pela UEMG. E-mail: socialdera@live.com
14 Licenciandas em Artes Visuais pela UEMG. E-mail: thaismangat@gmail.com

de auto-descoberta em a cidade e as serras. Dissetação de Mestrado. Lisboa: UAB - Universidade Aberta, 2007.

GUERRA, Yolanda; ORTIZ, Fátima da S. G.; VALENTE, Joana; FIALHO, Nádia. **O debate contemporâneo da "Questão Social"**. III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS São Luís – MA, 28 a 30 de agosto 2007.Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/mesas/31faf46bb74c9b64aa7dYolanda_fatima_Joana_Nadia.pdf> Acesso em: 11 agosto 2014.

MOLINARI, Jéssica de Oliveira. **O retrato da decadência dos barões do café presente na obra "O Rei da Vela"**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São paulo da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação. São Paulo, 2012.

QUEIROZ, Pablo Polese de. **1968 à Luz da Decadência Ideológica**. Anais do IV Seminário do Trabalho, ano IV, número 7, 2010. 1982-9884. Revista Eletrônica da RET – Rede de Estudos do Trabalho. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/pablopolesedequeiroz.pdf> Acesso em: 11 agosto 2014.

PEREIRA, Carlos Bresser. **Pobres elites iluminadas**. ESTUDOS AVANÇADOS, v. 14, n. 38, p.-235-246, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n38/v14n38a12.pdf> Acesso em: 11 agosto 2014.

Tecnologia digital: a vulnerabilidade no uso da internet

Daisy Aparecida Santos Carneiro[15]
Daniele Aparecida Ferreira de Carvalho
Silvana Inácio Bárbara
Lauriel Sílivas

Resumo

Os diversos vírus no meio tecnológico aumentam junto com o avanço da tecnologia. E o vírus é nosso objeto de pesquisa. Analisando a tecnologia digital, criamos um protagonista para nossa HQ - História em Quadrinhos, também criada pelo grupo, demonstrando a vulnerabilidade que o uso da internet apresenta aos usuários. Analisando material da revista Escola da Editora Abril conseguimos verificar a forma como a tecnologia é usada atualmente, com possibilidades de fraudes eletrônicas e ataques externos. A investigação sobre os diversos vírus existentes nos computadores foi o foco da análise. O vírus é um software malicioso usado por programadores, que são conhecidos como cracker, por tornarem os vírus invisíveis. Esse vírus é semelhante ao biológico, infecta o sistema, fazendo cópias de si mesmo tentado se espalhar para outros computadores, arquivos contaminados, utilizando-se de diversos meios de invasão. Existem vários tipos de vírus, os mais conhecidos são os simples, que são normalmente ativados quando o usuário clica em algum link de internet ou programa executável (possuem terminação.exe). Desde modo, com o levantamento dos dados recolhidos, analisamos o que leva um craker lançar um vírus pela internet. Percebemos que essa atitude do cracker está muito mais relacionada à uma brincadeira sem-graça para apagar arquivos e alterar o sistema operacional do usuário infectado ou uma ação ilegal com roubo de informações sigilosas. A questão da expressão e das atitudes individuais são narradas na internet. Com as imagens e narrativas criamos o protagonista e a HQ numa versão fictícia usando fatos reais presentes na atual sociedade.

Palavras-chave
Tecnologia digital; história em quadrinhos; arte e informação.

Referências

ALENCAR, Cristiano. **Introdução**: Vírus de Computador. Informática Profissional. Disponível em: <http://www.cristianoalencar.com.br/Aulas/Virus%20de%20Computador.pdf> Acesso em: 11 agosto 2014.

FILHO, Glenio Leitão Marques Filho. **Hackers e Crackers na internet**: as duas faces da moeda.

15 * ** ***Estudante de Licenciatura em Artes Visuais pela UEMG. Trabalho apresentado no GT 02 – Imagens Visuais e Audiovisuais por meio de análise de discurso. E-mail: carol.valentim@hotmail.com. Orientadora e coordenadora deste projeto Eliane M. Soares Raslan. E-mail: elianest2002@yahoo.com.br

Graduado do Curso de Comunicação Social, habilitação Radialismo, da UFPB. Revista Eletrônica Temática. Ano VI, n. 01, Jan-2010, Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/Janeiro/hackers_crackers_internet.pdf> Acesso em 05 ago. 2014.

GUERBER, Carlos Rafael. **Forma de Ataque dos Cracker**. Legislação em informática. 14/08/2007. Universidade do Contestado, UnC - Mafra. Disponível em: <http://www.mfa.unc.br/info/carlosrafael/lei/aula04A.pdf> Acesso em 05 ago. 2014.

NASTA, Ana Paula; VALENTIM, Erika Nascimento; e ÂNGELO, Frederico dos Santos. **O uso do discurso e do humor como reconfiguração para identidades**: Porra, Mauricio! Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/4745> Acesso em: 05 agosto 2014

REVISTA NOVA ESCOLA. Editora Abril. Renata Costa. **O que é um vírus de computador**. Disponívem em: <http://revistaescola.abril.com.br/ciencias/fundamentos/virus-computador-internet-491683.shtml> Acesso em: 05 agosto 2014.

SILVA, Andréia Patrícia da; SOARES, Cínthia, ULYSSÉA, Isabelle. **Hacker e Crackers**. Brasília, UCB. <http://www.lyfreitas.com.br/ant/artigos_mba/hackers-crackers.pdf> Acesso em: 11 agosto 2014.

SILVA, Naiara Frnaça da. **Discursos sobre o crack: análise das representações sociais de usuários, familiares e profissionais do Caps**. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão, Sergipe, setembro/2013. Disponível em: <http://bdtd.ufs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1403> Acesso em: 11 agosto 2014.

Meio ambiente e as atitudes do jovem contemporâneo: discursando sobre a imagem educacional

Eliane M. S. Raslan[16]
Bruna Dalva Avelar[17]
Glória Rezende*
Jennifer Martins**

Resumo Expandido

O estudo busca a arte (criação com montagem e colagem) como meio para discursar as atitudes dos jovens sobre o meio ambiente. Criamos um boneco de isopor para representar nossa protagonista na HQ- História em Quadrinhos criada pelo grupo. O trabalho discursa sobre uma "Garota Zem", que une a praticidade da vida com informação e naturalidade. Personagem totalmente desprovida de preconceitos. No entanto, carrega consigo várias ideias inusitadas. Ao criarmos uma HQ, buscamos conscientizar as pessoas sobre a preservação do meio ambiente com foco nos jovens e o que estes podem ajudar para mudar as atitudes contemporâneas. A personagem é hilária, mas tem um pano de fundo informativo. Extrovertida, ela possui leveza, se gosta, prega peças em pessoas "malvadas" e também aprecia momentos com os filhos, curte a natureza e quer que o mundo seja livre. Essa HQ permite de forma extrovertida tratar os problemas ambientais e o que o jovem pode ajudar e conhece sobre o meio ambiente. No decorrer da narrativa da HQ tratamos o discurso usado no texto "Juventude, Cidadania e Meio Ambiente: Subsídios para a elaboração de políticas públicas" publicado pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. Unimos essas ações que estão longe do conhecimento dos jovens ao conto da HQ que busca no fictício uma esperança de melhorias no cuidado do meio ambiente através da educação de jovens extrovertidos como a "Garota Zem". A protagonista tem em seu habitat um futuro com muita natureza. Dá pouca importância para o luxo, mas preza pelo conforto no que diz respeito ao bem estar. Apesar de vaidosa cuida melhor do outro que de si própria. Mas sente um prazer enorme nisso. Segue o lema de Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena". O uso das cores, como as quentes, destacam o ser iluminado que ela representa, mas como vive na Terra o cenário será em tons frios para simbolizar a "paz" e para um maior contraste da realidade. Amada por muitos e odiada por tantos outros, não entende porque na lei ambiental tudo é tão perfeito e na vida real não funciona. O discurso sobre a informação do jovem e o meio ambiente envolvem a personagem do início ao fim.

Palavras-chave
Tecnologia digital; história em quadrinhos; arte e informação.

---

16 Pesquisadora e professora da Escola de Design/UEMG. Doutora em Comunicação Social. E-mail: elianest2002@yahoo.com.br
17 * ** Estudantes de Licenciatura em Artes Visuais pela UEMG. Trabalho apresentado no GT 02 – Imagens Visuais e Audiovisuais por meio de análise de discurso. E-mail: carol.valentim@hotmail.com.

Referências

AMARILHA, Marly. **Histórias em quadrinhos e literatura**: a disputa pelo leitor. In: SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.); TURCHI, Maria Zaira (org.). Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 228-239.

BELLO, Hernán di. **Mafalda faz 40 anos e Continua Atual**. 29/09/2004. JB -Jornal do Brasil. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/extra/2004/09/29/e2909890.html> Acesso em: 10 agosto 2008.

BRASIL. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. **Juventude, cidadania e meio ambiente**: subsídios para elaboração de políticas públicas. / Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. – Brasília: Unesco, 2006. 204p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao10.pdf> Acesso em: 13 agosto 2014.

CÉSAR, Júlio. MEIO AMBIENTE JUVENTUDE. **Discurso Ecológico?** Cuidado!! <http://meioambientejuventude.blogspot.com.br/2010/11/discurso-ecologico.html> Acesso em: 12 agosto 2014.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CLAUDINO, Valentina Imaculada. **A atividade de leitura de histórias em quadrinhos/tiras na formação de um leitor crítico**: um estudo no programa ação cidadã. 2008. 182 p. Tese (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil**. 4ª ed.. São Paulo: Ática, 1991b.

_____. **Dicionário Crítico da Literatura infantil e juvenil Brasileira**. São Paulo: Edusp, 1995.

COLEÇÃO DESENHO E PINTURA GLOBO. **Curso de Desenho e Pintura**. São Paulo: Editora Globo. 1-12 Volumes, 2006.

COUTO, Hildo do. **Análise do Discurso Ecológica (ADE)**. Meio Ambiente e Linguagem. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html> Acesso em: 13 agosto 2014.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Fernando Pessoa**: as muitas águas de um rio. São Paulo: Pioneira/ Edusp, 1987.

GONZALES, Daniel. **Dez apps para curtir e criar quadrinhos no tablete e smartphone**: Comics; Go Comics; Strip Designer; Turma da Mônica – Fábrica de Tirinhas. Disponível em: <http://blogs.

estadao.com.br/daniel-gonzales/leve-seus-quadrinhos-sempre-com-voce-no-smartphone-e-tablet/> Acesso em: 13 agosto 2014.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, Brasil, 1989, Obra em 30 Volumes, Referência Bibliográfica n. V. 10. Brasil, 1989.

LOOSE, Eloisa Beling. **Análise de Discursos Especializados em Meio Ambiente**: como o jornalismo ambiental pode contribuir para um novo olhar. RAZÓN Y PALABRA Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada em Comunicación. Importancia de la comunicación y sus interfaces con los desafíos ambientales N. 79, Mayo-Julio 2012. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/06_Beling_M79.pdf> Acesso em: 12 agosto 2014.

PASCALICCHIO, Felipe Frascareli. MARTIRANI, Laura Alves. **Juventude, mídia e meio ambiente**: análise do discurso publicitário na Music Television Brasil, (MTV). Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=3657&numeroEdicao=14> Acesso em: 13 agosto 2014.

SIMÕES, João Gaspar. **Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa**: de 1189 a 1964. Lisboa: Arcádia.

SOARES, Magda. **Traga os gibis para a sala**. Revista Nova Escola. São Paulo: ano XVIII, nº 111, agosto 2014.

SOFTWARE HAGÁQUÊ. **O que é Hagaquê?**. Disponível em <http://www.nied.unicamp.br/~hagaque/>. Acesso em: 10 ago. 2014

Frida Kahlo multifacetada: análise icônica de seus autorretratos

Maira Guimarães[18]
Raquel Abreu-Aoki[19]

Resumo Expandido

Nos últimos anos, os estudos da imagem se mostraram sob múltiplas perspectivas, visto que não é raro encontrarmos pesquisas sobre o discurso publicitário, o discurso telenovelístico e o discurso quadrinístico. Nos pautando nas esteiras dos trabalhos pertencentes a Análise do Discurso, entendemos a imagem como um instrumento capaz de retratar a cultura, as ideologias e os imaginários pertencentes a um determinado grupo social, posto que, para nós, o discurso icônico é um portador legítimo de significado e significações. Na contemporaneidade, a presença da imagem se dá de maneira tão intensa no nosso cotidiano que, para alguns estudiosos, vivemos em uma cultura da imagem. O que queremos dizer, é que ao fazer uso da iconicidade para representarmos a nossa cultura e, consequentemente, nós mesmos, nos ancoramos na citação de Frida Kahlo: “Se pinto a mim mesma, é por ser o tema que conheço melhor”. Ao se retratar em suas obras, sejam elas pinturas ou fotografias, a artista mexicana exerce a dupla faceta de se revelar e revelar a sua história de vida aos olhos do mundo. Desse modo, no presente artigo, pretendemos analisar a autobiografia de Frida Kahlo à luz de suas obras icônicas e para tal nos assentaremos nos trabalhos de Mendes (2013) no que diz respeito à imagem, nas abordagens de Amossy (2000) sobre o *ethos* – a construção da imagem de si no e pelo discurso – e nos trabalhos de Peneff (1990) e Arfuch (2010) referentes aos estudos sobre o gênero biográfico.

Palavras-chave
Análise do Discurso; Discurso icônico; Frida Kahlo; Gênero biográfico; autobiografia.

Referências

AMOSSY, R. L’argumentation dans les discours. Paris: Armand Colin, 2000.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

MENDES, Emília. Grade de Análise de Imagem Fixa. Nota de aula da disciplina “Discurso e Imagem” oferecida pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. 1o semestre de 2013.

PENEFF, Jean. “Myths in life stories”. In: SAMUEL, Raphael & THOMPSON, Paul (Orgs.). The Myths we live by. Londres/Nova York: Routledge, 1990.

18 Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Trabalho apresentado no GT 02 – Imagens Visuais e Audiovisuais por meio de análise de discurso. E-mail: maira-guimaraes@ufmg.br
19 Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: raquelima@yahoo.com

O jornalista que criou o herói: uma análise das funções, imagens e valores do jornalismo em "Super Zero"

Maria Aparecida Pinto[20]

Resumo Expandido

O jornalismo é uma das práticas institucionalizadas e cada membro do Campo fala a partir do espaço que a atividade ocupa na sociedade. Deste modo, os profissionais praticam valores da área nas rotinas de trabalho o que proporciona a designação de imagens que se atrelam às escolhas cotidianas dos jornalistas. As imagens de profissional competente associam-se aos valores instituídos no jornalismo como a credibilidade e a objetividade o que produz um processo de retroalimentação da função social de informar com o compromisso da verdade. A presente pesquisa é um estudo de caso que objetiva analisar como o desenho animado "Os Padrinhos Mágicos" (*The Fairly Odd Parents*) constrói a identidade do jornalista como profissional por meio das funções, imagens e valores da personagem *Chet Ubetcha*. Adotou-se a análise de discurso francesa como dispositivo teórico-metodológico. No estudo, o objeto de pesquisa foi a personagem jornalista *Chet Ubetcha* no episódio "Super Zero" (8ª temporada do desenho). Realizou-se a transcrição das falas da personagem; as sequências e as formações discursivas foram analisadas em relação ao interdiscurso do campo jornalístico. Assim, pôde-se analisar como a personagem colabora para a atualização de funções, imagens e valores do jornalismo; aspectos que se nutrem mutuamente no discurso de *Ubetcha* que preza pela imagem física e por uma aparência de competência, o que remete a valores de segurança, de credibilidade e de objetividade no jornalismo. Estes são necessários para a tarefa de informar o cidadão de modo que o sujeito sinta-se capaz de autogovernar-se embasado nas informações sobre a realidade que o jornalismo lhe proporcionou.

Palavras-chave
Jornalismo; discurso; funções; imagens; desenho animado.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BENETTI, Marcia e HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 7, p. 123-135. 2010. Disponível em:<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/19846924.2010v7n1p123/12703>. Acesso em: 21 de março de 2014.

20 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de mestrado do CNPq. Trabalho apresentado ao GT 2 - Imagens Visuais e Audiovisuais por meio de Análise de Discurso do Seminário Design de Imagem / Centro da Imagem/ UEMG. E-mail: mariamarianamg2013@gmail.com.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 107-122.

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996. p. 188-193.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. Considerações sobre o ethos do sujeito jornalista. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 173-184.

FECHINE, Yvana. Procedimentos e configurações espaciotemporais no telejornal. In: VIZEU, Alfredo (org.) **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.109-124.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico. **Revista Pauta Geral**. V.9, n. 4. p. 243-258. Salvador, USP, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17 ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, Mayra. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker: Edusp, 2000.

HOHFELDT, Antonio. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 61-98.

KEMPF, Helena; LISBOA, Silvia. O Poder da Imagem: um poder sem compromisso. In: BERGER, Christa (org.). **Jornalismo no cinema**: filmografia e comentários. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002. p. 165-178.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of the jourlism**. New York: Three Rivers Press, 2007.

MIRANDA, Luciano. O performativo político do jornalista oculto: Viva a República. In: BERGER, Christa (org.). **Jornalismo no cinema**: filmografia e comentários. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFGRS, 2002. p. 245-262.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEDROSO, Rosa Nívea. Todos os Homens do Presidente - quando a reportagem muda os rumos da história. In: BERGER, Christa (ogr.). **Jornalismo no cinema**: filmografia e comentários. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002. p. 121-130.

RESENDE, Fernando. Falar para as massas, falar com o outro: valores e desafios do jornalismo. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; CORRÊA, Laura Guimarães (orgs.). **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 153-165.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da Comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. **Caligrama** - Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia. N. 3. São Paulo, USP, 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/caligrama/n_3/GisleneSilva.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus editorial, 2011.

As estratégias discursivas na constituição do mito Silvio Santos

Rafael Barbosa Fialho Martins[21]
Marcos Vinícius Meigre e Silva[22]

Resumo Expandido

O artigo realiza uma análise discursiva sobre uma homenagem veiculada em razão da comemoração dos 80 anos de vida de Silvio Santos em um programa especial produzido e exibido pelo SBT em 12 de dezembro de 2010. Para essa análise, lançamos mão basicamente das discussões sobre publicização da vida particular (CHARAUDEAU, 2007), trajetória de vida como estratégia argumentativa (MACHADO, 2011) e *pathos* (CHARAUDEAU, 2007), além das problematizações sobre o *ethos* (MAINGUENEAU, 2010). O objetivo do trabalho é observar como atuam possíveis estratégias discursivas num objeto relativo a Silvio Santos, mas estruturado segundo a concepção que outras pessoas fazem dele, e não no que diz respeito à imagem que ele mesmo constrói de si; isso porque o programa especial é composto por depoimentos de pessoas próximas a Silvio, oferecendo um ponto de vista exterior a ele. Pela análise das falas e imagens contidas no programa, identifica-se um ethos de Silvio Santos constituído por 3 "faces", mais ou menos definidas, não estanques e que se comunicam, em uma relação de simbiose: o *Silvio pai* humaniza o *Silvio empresário* que é exemplo para o *Silvio apresentador* e vice-versa. As "partes" identificadas contribuem para consagrar o *ethos* prévio que se construiu de Silvio ao longo dos anos – um mito, o "rei da TV brasileira". Assim, percebe-se a importância de uma construção complexa para um personagem midiático, que não por acaso, sobrevive no imaginário popular brasileiro e se reinventa cada vez mais. As estratégias nesse sentido parecem surtir efeito: o *Programa Silvio Santos*, com mais de 50 anos de existência, permanece com estrutura semelhante há bastante tempo e ainda consegue alcançar expressivos índices de audiência.

Palavras-chave
Análise do discurso; Silvio Santos; Mito; Televisão.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização da televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emilia, MACHADO, Ida Lucia (org.). **As emoções no discurso**. Mercado da Letras: Campinas, 2007.

MACHADO, Ida Lucia. "Storytelling": uma nova 'moda' de persuasão/argumentação?. In: EMEDIATO, Wander; LARA, Gláucia Muniz Proença. (Orgs.). **Análises do Discurso Hoje** - Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, v. 4, p. 165-176.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

---

21 Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CAPES. Trabalho apresentado no GT 2 IMAGENS VISUAIS E AUDIOVISUAIS POR MEIO DE ANÁLISE DE DISCURSO. E-mail: rafaelbfialho@gmail.com.
22 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista FAPEMIG. E-mail: marcos.meigre@ufv.br.

Resgate da memória cultural através de imagens: um olhar sobre o outro - GT4

Taís de Souza Alves Coutinho[23]

Resumo Expandido

O trabalho é o resultado de um projeto de pesquisa do Programa Institucional de Iniciação Científica BIC JR UEMG/FAPEMIG, realizado nos anos de 2012 e 2013, pela UEMG, unidade Ubá. Foi realizada uma pesquisa no arquivo histórico do município de Ubá para que pudesse ser identificado na cidade o material fotográfico sobre a evolução econômica, cultural e história da cidade, por meio de imagens. Esse material foi identificado em uma ficha cadastral, contendo a fonte, a propriedade intelectual, as principais condições das imagens que servirão como fonte de pesquisa para o município. A ideia foi ressaltar a relevância da fotografia como marco da identidade e memória cultural de um povo, podendo funcionar como um registro da história de uma sociedade. A busca da identidade nacional é um produto do século 19 e está marcada por este profundo romantismo que acabou por transformar a história brasileira numa lenda de cunho familiar, onde um mandato utópico é transmitido de pai para filho alcançando finalmente o neto (DECCA, 2002, p. 20). O objetivo foi ir além desse conceito e identificar o que as imagens podem representar como parte desse processo de reconhecimento de si mesmo e do grupo em que se vive. Quais as possibilidades que o estudo e pesquisa dessas imagens podem trazer para a comunidade? A imagem fotográfica pode traduzir muito do que uma comunidade foi e continua sendo, sobre diversos aspectos. Assim foram manifestadas as experiências retratadas no ciclo econômico de Ubá desde a agricultura até o setor industrial, embasando-se principalmente no polo moveleiro, com o objetivo de demonstrar o valor da cultura e identidade de um povo, a partir de sua memória fotográfica.

Palavras-chave
Resgate; Memória; cultura; identidade; fotografia.

Referências

DECCA, Edgar Salvatori. **Tal pai, qual filho?** Narrativas da identidade nacional. In:

CHIAPPINI, Maria Stella Bresciani (Orgs). **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

AGÊNCIA BOOM CRIAÇÕES. **História do nosso polo**. Ubá, MG, 2011.

CARRARA, Ângelo Alves. **Estruturas Agrárias e Capitalismo**: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata Mineira (seculos XVIII e XIX). Mariana, MG, 1999.

MARQUES, Marlene. **Ubá 150 anos**: construindo a nossa história. - 1. ed. - Ubá, MG, 2007.

23 Mestre. Professora UEMG. Trabalho apresentado no GT 4 – FOTOGRAFIA DE PESSOAS: O OLHAR SOBRE O OUTRO.tais.alves@uemguba.edu.br.

Revelando pessoas comuns: fotonarrativas produzidas pela imersão em espaços públicos de Viçosa

Robson Evangelista dos Santos Filho[24]
Mariana Ramalho Procópio Xavier[25]

Resumo Expandido

Negligenciados pela mídia tradicional, que geralmente pauta apenas gente importante ou atrelada às instituições de poder, os indivíduos comuns passam por tantas vezes despercebidos pela sociedade. Para opor-se a isso e tentar praticar uma forma alternativa de se fazer o jornalismo, o projeto de extensão *Flanando na Praça*, realizado pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa, visita espaços públicos da cidade com o objetivo de encontrar e revelar histórias das pessoas comuns que passam ou estão quase invisíveis nesses lugares, assim como faz a jornalista Eliane Brum ao abordar personagens costumeiramente reportados somente como coadjuvantes. A busca por esses personagens é feita através da prática *flâneur* – originalmente francesa e trazida para o Brasil por João do Rio – que consiste em vagar sem rumo pelo espaço urbano, observando os cidadãos e os acontecimentos cotidianos. Para contar as histórias dos personagens encontrados, o projeto se vale de relatos jornalístico-literários em formatos diversos, dentre os quais se destacam as fotonarrativas – imagens acompanhadas de breves textos que as complementam. Por retratar pessoas e suas histórias, as fotonarrativas conseguem, fazendo uso conjunto dos poderosos recursos de imagem e palavra, mostrar os cidadãos viçosenses como protagonistas da história da cidade e ainda resgatar sua identidade. E no seu processo de produção, permitem que a equipe do projeto não só lance e desenvolva um olhar atento sobre as outras pessoas, mas também tenha um contato maior com elas por meio de conversas e entrevistas, estabelecendo uma importante e necessária relação entre o fotógrafo e o fotografado.

Palavras-chave:
Flanando na Praça; fotonarrativas; fotografia; pessoas comuns.

Referências

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUITONI, Dulcília Helena S. **Fotografia e Jornalismo**. A informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.

24 Estudante do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Trabalho apresentado ao GT 4 – Fotografia de pessoas: o olhar sobre o outro. E-mail: robinho_robsonfilho@hotmail.com.
25 Doutora em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: mariana.procopio@ufv.br.

DO RIO, J. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIBEIRO, R. **Arriscando fotografar pessoas e construindo personagens no instantâneo fotográfico**. 2008. 42f. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SANTOS FILHO, R.; MEIRELES, P.; PROCÓPIO, M. Flanando na Praça: narrativas jornalístico-literárias feitas a partir de uma imersão nas praças de Viçosa-MG. In: XIX Intercom Sudeste, 2014, Vila Velha-ES. **Anais do XIX Congresso do Intercom Sudeste**.
Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/expocom/EX43-1549-1.pdf. Acesso em 29/07/2014.

TORRES, C. H; PROCÓPIO, M. R. Estudos e experiências de uma prática flâneur como alternativa ao jornalismo. **Revista Anagrama (USP)**, v. 8, p. 1-12,2014. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/8691/7950. Acesso em: 25 jul. 2014.

Keep on truckin': os quadrinhos de R. Crumb a partir de uma perspectiva semiolinguística do discurso

Patrícia Novato Meireles[26]
Mariana Ramalho Procópio[27]

Resumo Expandido

O autor de quadrinhos Robert Crumb apresenta experiências íntimas em sequências narrativas que exibem o seu lado mais autêntico e subjetivo. Por trás de relatos autobiográficos, como nas obras *Minha vida* e *A mente suja de Robert Crumb*, o quadrinista relembra o excesso de suas memórias, de modo confessional. Acerca das considerações que refletem a realidade sobre sua história, o presente artigo tem por finalidade analisar as histórias em quadrinho intituladas: "Os homens já estão marchando?", "Minha paciência se esgotou, não tenho mais tolerância" e um desenho do autor datado de 1986, reunidos no livro *Minha vida* a partir da Teoria Semiolinguística, desenvolvida por Patrick Charaudeau (2008). Embora o estudo se aproxime de uma análise narrativa e descritiva, pretende-se investigar de que maneira os quadrinhos se enquadram a uma lógica argumentativa de organização, a partir de um discurso frequentemente implícito (CHARAUDEAU, 2008). Para isso, será levado em conta a experiência individual e as representações socio-culturais comprovados por componentes linguísticos de interpretação discursiva e visual na sua forma argumentativa. Sendo a Teoria Semiolinguística, o resultado da influência das formas sociais e de produção de sentido à experiência de mundo na sua qualidade de real, o artigo em questão tem por objetivo também analisar as configurações estruturais e discursivas dos quadrinhos, bem como os elementos básicos que caracterizam a linguagem quadrinhográfica conforme McCloud (2005) aproxima esse universo a uma dimensão do processo criativo e de entendimento aos códigos verbais e não verbais empregados.

Palavras-chave
Quadrinhos underground; Narrativa visual; Robert Crumb; Teoria Semiolinguística.

Referências

CAMPOS, Rogério de (org.). **A mente suja de Robert Crumb**. Trad. Alexandre Boide; Marieta Baderna. São Paulo: Veneta, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

26 Bolsista de Iniciação Científica Fapemig e Estudante de Graduação 8º período do Curso de Jornalismo da UFV. Trabalho apresentado ao GT 2 – Imagens visuais e audiovisuais por meio da análise do discurso. E-mail: patricia.meireles@ufv.br.
27 Orientadora do trabalho e da pesquisa. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFV. E-mail: mariana.procopio@ufv.br.

_____ **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRUMB, Robert. **Minha vida**. 2ª ed. Trad. Daniel Galera. São Paulo: Conrad, 2010.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

MEIRELES, P. N. ; PROCÓPIO, M. R. . O contar histórias sobre Robert Crumb: evidências biográficas e análise audiovisual. In: XIX Intercom Sudeste, 2014, Vila Velha-ES. **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2014. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0109-1.pdf Acesso em 29/07/2014.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento. 2008. **Dissertação**. Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE, UFMG), Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, R. E. **Para reler os quadrinhos Disney**: linguagem, evolução e análise das HQ's. São Paulo: Paulinas, 2002.

Música e cultura: a música como meio de comunicação e reflexo da cultura

Camila Nathana[28]
Erik Baptista*
Gabriela Oliveira**
Géssica Bertolino***

Resumo Expandido

As diversas formas de envolvimento cultural aumentam cada vez mais na contemporaneidade. A música é uma delas, se torna cada vez mais instrumento de comunicação. Foi pensando nesses mediadores culturais que estudamos a música como reflexo da cultura e para isso criamos um personagem para nossa HQ - História em Quadrinhos. A HQ vai narrando o uso da música como veículo cultural, além de ambos (HQ e múxia) serem meios de comunicação potenciais que envolvem repercussão e até mesmo reinvidicação. A música se faz presente em todas as manifestações sociais e pessoais do ser humano desde os tempos mais remotos. Schaeffner (1958) explica que mesmo antes da descoberta do fogo, o homem primitivo se comunicava por meio de gestos e sons rítmicos, sendo, o desenvolvimento da música, resultado de longas e incontáveis vivências individuais e sociais. Ao nascer, a criança entra em contato com o universo sonoro que a cerca, sua relação com a música pode ocorrer por meio do acalanto da mãe, sons da natureza e outros sons, logo, a música dialoga com a constituição interna do ser humano. Segundo a educadora musical brasileira Ilari (2003), o primeiro contato do ser humano com a música acontece mesmo antes de nascer, na sua vida intra-uterina. A criança, ao ouvir o batimento cardíaco da mãe, mais compassado e mais lento que o seu, o feto tem contato com um dos elementos fundamentais da música – o ritmo. Cada pessoa traz práticas sociais e tradições culturais musicais, historicamente produzidas no seu contexto histórico. Propomos a criação de um personagem-objeto: um violão – o qual a princípio vive no ateliê de um *luthier* que o criou para ser um instrumento único, pois não é um violão feito na linha de uma fábrica, e sim, produzido artesanalmente com as melhores configurações que podem existir para um violão, ele é feito de uma madeira, que se chama bubinga, uma madeira rara, especial e perfeita para se fazer instrumentos. Ainda, foram inseridas junta a tais especificações do personagem o lado fictício, ele possui poderes especiais. A criação do personagem para HQ, também criada pelo grupo, busca fatos reais do ser humano com a música em contexto cultural. Este estudo analisa a comunicação musical como reflexo cultural e apropriasse dos resultados para criar narrativas fictícias. Diante dessa ligação do ser humano com a música e da influência musical para com os meios sociais, propomos uma reflexão desses aspectos.

Palavras-chave
Música; cultura; personagem; quadrinhos; comunicação.

28 * ** ***Licenciandos em Artes Visuais pela Escola de Design - UEMG. Trabalho apresentado no seminário de Design de Imagem: A Convergência Visual no GT 03 – Interfaces criativas e comunidades virtuais dos quadrinhos para o cinema de animação. E-mail: Géssica Bertolino Assis daduigess@yahoo.com.br. Orientadora e coordenadora deste projeto Eliane M. Soares Raslan, E-mail: elianest2002@yahoo.com.br

Referências

CLEUDET DE ASSIS SCHERER. **A contribuição da música folclórica no desenvolvimento da criança**. Disponível em: http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/viewFile/1416/932
Acesso em 04 ago 2014

JOAN CUSCÓ I CLARASÓ. **Revista Catalana de Musicologia: Música I Cultura**. Disponível em: http://130.206.88.107/revistes224/index.php/RCMus/article/viewFile/3756/60243
Acesso em 05 ago 2014

Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Música e Cultura. Disponível em: http://musicaecultura.abetmusica.org.br/index.php/revista/issue/current
Acesso em 04 ago 2014

VALÉRIA PEIXOTO DE ALENCAR. **Música e cultura: Todo povo tem a sua música**. Disponível em: http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/musica-e-cultura-todo-povo-tem-a-sua-musica.htm
Acesso em 04 ago 2014

Análise imagética do acervo arquitetônico tombado no trecho do Caminho de Sabarabuçú / Estrada Real

Monica Fischer[29]
Carolina dos Santos de Oliveira[30]
Anna Carolina Santos Costa[31]

Resumo Expandido

O trabalho enfoca os resultados parciais da pesquisa em andamento, que tem como objetivo compilar e analisar informações sistematizadas e imagens levantadas em diversas fontes, sobre os bens históricos e artísticos setecentistas tombados pelo IPHAN e IEPHA, no trecho da Estrada Real conhecido como o caminho de Sabarabuçú, região que hoje compreende parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). A análise proposta, tanto no que se refere a documentos de instituições pertinentes e dados bibliográficos, quanto a imagens dos bens tombados, contribuirá para a ampliação do conhecimento da história, arte e cultura da RMBH como um todo, despertando para a mesma, além do enfoque acadêmico, um estímulo ao turismo, sobretudo no que se refere à leitura imagética proposta, na ótica do design de ambientes setecentistas, religiosos e profanos. A Estrada Real tem sido amplamente estudada, no entanto o trecho de Sabarabuçú é pouco contemplado, sendo explorado de forma estanque, sem considerar as relações entre os municípios e as relações entre as obras e bens tombados em sua dinâmica de ocupação da região mineradora, ao longo do século XVIII. Estudar e caracterizar a evolução estilística da ambientação religiosa e profana no recorte proposto implica, sobretudo, em promover uma análise aprofundada das imagens levantadas pelo trabalho de campo dos referidos bens tombados, objetivando contribuir na ampliação de conhecimentos sobre a época enfocada e na compreensão da configuração de arraiais e vilas, de suas edificações - hoje tombadas - e atividades artísticas, decorrentes das formações urbanas. Para tal, o levantamento e a análise de imagens pertinentes se tornam de grande relevância no presente estudo proposto.

Palavras-chave
Arte setecentista mineira; design; ambientes; leitura da imagem.

Referências

ÁVILA, Afonso. **Iniciação ao Barroco Mineiro**. São Paulo: Nobre, 1984.

29 Mestre em Sociologia - UFMG, professora/pesquisadora da Escola de Design / Centro da Imagem / UEMG. Trabalho apresentado no GT 5 Design: História e Memória deste seminário. E-mail: supermonicafischer@gmail.com
30 Mestre em Educação - UFMG, graduanda em Design de Ambientes - ED / UEMG. E-mail: carolliva@ig.com.br
31 Graduanda em Design de Ambientes – ED / UEMG. annacarol.sc1@gmail.com

BASTOS, Francisco de Paula Vasconcelos. **A Mineração do Ouro no Brasil, ontem e hoje**. Ouro Preto: Ed. Do Autor, 2014.

BURY, John. **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial**. Brasília: IPHAN Monumenta, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Arte Sacra no Brasil Colonial**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

MOURÃO Paulo Krüguer Corrêa. **As Igrejas setecentistas de Minas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1964.

Comunidades virtuais nos quadrinhos com o anarquismo e o feminismo: interfaces criativas com Franziska Becker

Eliane M. S. Raslan[32]
Barbara Avelino[33]

Resumo Expandido

As HQtrônicas – Histórias em Quadrinhos Eletrônicas caem no gosto mundial. Algo que nos fez buscar, em especial, a coletânea da cartunista alemã e feminista Franziska Becker publicada no Brasil. Nos quadrinhos ela trata consumo, política e religião, até mesmo dinheiro, moda e relacionamentos. Vida privada que se destaca na crônica contemporânea. Seu olhar feminista tem destaque para protagonistas do sexo feminino e prontamente procuramos criar um boneco esculpido a mão que represente tal história. O boneco expressa formas de liberdade associadas as opiniões anarquistas da autora e que de forma irônica e forte demonstra que as mulheres, talvez, sejam as mais indicadas para indicar os absurdos políticos e sócios-econômicos, já que são elas as mais marginalizadas. O lado amoroso e maldoso liga essas interfaces da internet como sistema de informação, hora virtual (HQeletrônicas), hora material (boneco esculpido representando a mulher anarquista e feminista). Ambos possuem características feministas. O planejamento de análise da HQeletrônica com sua adaptação para o boneco retrata as formas de resistência e o cenário inovador que tende cada vez mais a utilizar novas ferramentas, como o mercado independente dos quadrinhos. A forma artística é expressada através da criação deste personagem (boneco) que nos fez analisar as identidades e espírito existentes nos quadrinhos de Franziska Becker na edição *Último aviso*. Seu entendimento e forma de enxergar as transformações feministas nos levou a criar uma HQ que retratasse nosso boneco, criado manualmente, explicando essas transformações vividas e contada através de charges da autora. Investigamos a linguagem utilizada por Becker que nos leva a envolver com tal universo paralelo, da internet a produção da HQ e do boneco ao retorno do meio digital. Linguagem virtual que retrata o feminismo e o anarquismo atual capturados do mundo material.

Palavras-chave
Socialite; Decadência; Humor; Sarcasmo; Globalização.

Referências

BASTOS, Yuriallis Fernandes. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura**: um

32 Pesquisadora e professora da Escola de Design/UEMG. Doutora em Comunicação Social. E-mail: elianest2002@yahoo.com.br
33 Licencianda em Artes Visuais pela Escola de Design - UEMG. Trabalho apresentado no seminário de Design de Imagem: A Convergência Visual no GT 03 – Interfaces criativas e comunidades virtuais dos quadrinhos para o cinema de animação. E-mail: barbarella.artesvisuais@gmail.com.

estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Número 9, p. 284-433, Setembro de 2005.

BECKER, Franziska. **Último aviso**. Coleção Barrricada. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

BORGES, Nad Pereira Leite. **Os quadrinhos na era digital**. Revista Digital do Curso de Letras da UNEMAT. Edição nº especial Ensino de língua portuguesa, Agosto de 2012. Mato Grosso: UNEMAT, 2012.

FRANCO, Edgar Silveira. **Hipermídia & Histórias em Quadrinhos**: Panorama da Produção Brasileira Trabalho apresentado ao NP 16 – História em Quadrinhos, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Ano 7, N. 272 - São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil - julho de 2005

HOGAN, Deirdre. **Feminismo, Classe e Anarquismo**: Revolutionary Anarcha – Feminist Group – RAG. São Paulo: Faísca, 2009

RICCIO, Nicia Cristina Rocha. **Ambientes virtuais de aprendizagem na UFBA**: a autonomia como possibilidade. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Salvador: UFBA, 2010.

Gente como a gente: o olhar sobre pessoas marginalizadas pela sociedade

Sérgio Luiz da Conceição Felix[34]
Laene Mucci Daniel[35]

Resumo Expandido

Ver o outro não significa enxergar, prestar atenção. Determinados sujeitos tornam-se invisíveis à sociedade porque diferem da maioria, contestam padrões, transgridem valores. De tanto se diferenciar, e por isso se destacar, homens e mulheres são desprezados pela sociedade hegemônica que passa por eles, tentando não enxergá-los, preferindo não olhar e desta forma, deixá-los à margem. O outro (aquele que não compartilha de um padrão cultural de um grupo) é ameaçador porque coloca em xeque as pressuposições mais enraizadas e automáticas que marcam as ações dos sujeitos na vida cotidiana. Nesse sentido, são recorrentes ações que buscam marginalizar, excluir ou, pelo menos enfraquecer o outro (MENDONÇA, 2006, p. 22). Nosso trabalho lança o olhar sobre o outro, excluído, seja por sua condição física ou social, pela sua faixa etária, raça, sexualidade, religião. Assim como a fotógrafa Claudia Andujar que, em 1970 e 1980, enxergou e revelou os índios Yanomanis (discriminados e quase dizimados na época), produzindo imagens contrastantes (Duarte, 2003), fotografamos pessoas: pobres, gordos, velhos, homossexuais, deficientes, ciganos, mulheres, evangélicos. Em pleno século XXI, “os proibidos estão cansados das proibições” (MUCCI, L.T, 1987). Este ensaio fotográfico insere-se na Fotografia documental, especificamente, na fotografia Humanista. Segundo Cruz, a fotografia documental serve-se da pluralidade para abarcar discursos, aparências denúncias, contradições e valores distintos (CRUZ, 2013, p. 1). A fotografia humanista se interessa, segundo Hacking (2012), “pela vida nas ruas (...) e pelos excluídos na sociedade” (HACKING, 2012, p. 322). Nosso ensaio, editado a partir de sobreposição de imagens, inspira-se na concepção modernista (que se utilizava da técnica como o meio próprio da expressão artística. COSTA E SILVA, 1995). Interessamo-nos em olhar e fazer enxergar porque, mesmo podendo ser lida de várias maneiras, “cedo ou tarde, lê-se na foto aquilo que ela deveria estar dizendo” (SONTAG, 2009, p.28).

Palavras-chave
Fotografia de pessoas; Marginalizados; Fotografia documental; Fotografia humanista.

Referências

BRUNO, Fabiana. Imagens e reflexões da velhice. **Revista Studim**, n. 12, Instituto de Arte da Unicamp, 2003.

---

34 Discente e monitor da disciplina de Fotografia do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, GT 4 - Fotografia de pessoas: o olhar sobre o outro. E-mail: sergio.felix@ufv.br.
35 Mestre em Extensão Rural. Docente e professora da disciplina de Fotografia do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: laenemucci@gmail.com.

CAMPOS, Rogério Schmidt. **Fotografia e alteridade**: os limites da linguagem na experiência etnográfica. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia. UnB, 2009 (Dissertação de mestrado.). Disponível em http://repositorio.unb.br/handle/10482/4858. Acesso em 24/08/2014.

COSTA, Helouise e SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 1995. São Paulo: Cosac Naify, 1995.

CRUZ, Guilherme. **O imaginário humanista da fotografia**. Disponível em: http://obviousmag.org. Acesso em: 24/08/2013.

DUARTE, Rogério. "Olhares do Infinito – notas sobre a obra de Claudia Andujar". In: **Revista Studium** n. 12, Instituto de Arte da UNICAMP, 2003. Disponível em http://www.studium.iar.unicamp.br/12/5.html. Acesso em 21/08/2014.

HACKING, Juliet e CAMPANY, David. **Tudo sobre fotografia**. Tradução de Fabiano Morais; Fernanda Abreu; Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

KOSSOY, Bóris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Identidade e representação: as marcas do fotojornalismo na tessitura da alteridade. In: **Narrativas fotográficas**, org. Paulo Bernardo Vaz. Série Narrativas do Cotidiano, v. 3, 2006.

MUCCI, LaeneTeixeira. Canto de exílio. In: **Cancioneiro em dó maior**. Ponte Nova: Cibrap, 1987.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Rua da Bahia: espaço de mutação - uma análise entre a história e o design

Caroline Almeida Nobre[36]
Marcelina das Graças de Almeida[37]

Resumo Expandido

A pesquisa intitulada “Rua da Bahia: Espaço de Mutação. Uma análise entre a História e o Design” é um desdobramento do projeto “Leituras Cruzadas: Interfaces entre História e Design” cuja finalidade é investigar as relações existentes entre História e Design. A proposta neste artigo, em específico, é compreender o espaço urbano da capital mineira tomando a Rua da Bahia como referência e trata-se de uma síntese da pesquisa finalizada no ano de 2013. A análise deste ambiente em mutação propiciou a identificação das transformações sofridas ao longo do tempo, considerando a arquitetura, a ambientação e as ações humanas experimentadas naquele espaço. A Rua da Bahia é um logradouro de relevância para se compreender a história de Belo Horizonte, suas demolições e construções marcam o ambiente ao longo de sua história e a análise deste espaço possibilita a compreensão mais ampla acerca deste processo histórico. Usar o Design como ferramenta foi uma maneira de se atingir este entendimento A metodologia de pesquisa foi de caráter descritivo, exploratório e explicativo. Para o levantamento de dados foram utilizados o levantamento bibliográfico e documental, entrevistas, aplicações de questionários e coleta de dados iconográficos através do registro de imagens antigas e atuais. Através deste projeto, destaca-se neste artigo a importância de se pensar e estudar sobre a Rua da Bahia e também sobre a capital mineira.

Palavras-chave
História; Design; Belo Horizonte; Rua da Bahia.

Referências

JULIÃO, Letícia. **Itinerários da cidade moderna** (1891-1920). In DUTRA, Eliana Regina de Freitas (Org.). BH: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte,c1996. 342p.

NAVA, Pedro. **Beira Mar**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985. 552p.

SALLES, José Bento Teixeira de. **Rua da Bahia**. Coleção: BH a Cidade de Cada Um. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 2005.

RODRIGUES, Bernadete Bittencourt (Org.). **Corredor Cultural Rua da Bahia: Educação Patrimonial e Memória Urbana**. Belo Horizonte, [s.n.], 2008. 64p.

36 Graduanda em Design de Ambientes pela UEMG. Trabalho apresentado no GT 5 - Design: história e memória. Email: carolineanobre@gmail.com
37 Doutora em História pela UFMG. Email: marcelinaalmeida@yahoo.com.br

Revendo a história: imagem e som - gestão do acervo documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design/UEMG

Ana Luiza Almeida Viveiro[38]
Marcelina Das Graças De Almeida[39]

Resumo Expandido

Idealizado há 06 anos o ASI (Arquivo de Som e Imagem) se constitui como um arquivo permanente, cuja função é a preservação e o armazenamento do acervo produzido no espaço da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Uma vez que compartilhar o conhecimento e as experiências apresenta-se como uma ação fundamental para a construção da cultura, a preservação de documentos que registram as etapas de projetos e destacam os resultados atingidos pela comunidade acadêmica torna-se necessária, não só para potencializar as práticas do ensino e da pesquisa, bem como manter viva a memória da instituição. Na primeira etapa da realização do projeto, analisou-se parte da massa documental guardada nas dependências do Centro de Estudos em Design da Imagem. Após essa análise, aqueles documentos cujas condições físicas impossibilitavam sua guarda permanente, e materiais que se constituíam por mais de um exemplar foram descartados. O material restante foi catalogado e arquivado de acordo com um código criado especificamente para organizar e separar cada documento de acordo com a sua origem e a sua natureza. Desde esta etapa preliminar outras ações foram conduzidas como a criação da hemeroteca, o tratamento e identificação do acervo fotográfico, a transferência de mídia do VHS para DVD, no tocante à coleção de imagens em vídeo. Para divulgação das atividades do arquivo foi criada uma página na rede social de maior receptividade e o processo de coleta e tratamento dos bens doados tem sido ato contínuo.A criação de um centro específico para preservação da memória da Escola de Design permitiu uma série de benefícios, como por exemplo, o resgate desses materiais de um acondicionamento precário, bem como o conhecimento e a análise das experiências vivenciadas por profissionais que registram em seus processos a trajetória do design.

Palavras-chave
Design; memória; documentos; arquivo

Referências

ALMEIDA, Marcelina das Graças de, ROCHA, Luana de Oliveira. **Revendo a história: Imagem**

38 Graduanda em Design Gráfico pela UEMG. Trabalho apresentado no GT 5 – Design: História e Memória. E-mail: analudesigngrafico@gmail.com
39 Profa. Dra. da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais
E-mail: marcelinaalmeida@yahoo.com.br

e Som. Gestão do acervo documental recolhido no centro de estudos em design da imagem da escola de design (ED/UEMG). Relatório final do projeto financiado pelo PAPq. Belo Horizonte: UEMG, 2012.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de, ROCHA, Luana de Oliveira. **Revendo a história: Imagem e Som**. Gestão do acervo documental recolhido no centro de estudos em design da imagem da escola de design (ED/UEMG). Relatório final do projeto financiado pelo PAPq. Belo Horizonte: UEMG, 2013.

COSTA, Alessandro Ferreira e SILVA, Ivone Gomes da. **Revendo a história: Imagem e Som**. Gestão do acervo documental recolhido no centro de estudos em design da imagem da escola de design (ED/UEMG). Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte: UEMG, 2009.

VILAÇA, Vanessa Cardoso e ALMEIDA, Marcelina das Graças. **Revendo a história: Imagem e Som**. Gestão do Acervo Documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design. Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte: UEMG, 2012.

VILAÇA, Vanessa Cardoso e ALMEIDA, Marcelina das Graças. **Revendo a história: Imagem e Som**. Gestão do Acervo Documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design. Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte: UEMG, 2013.

VIVEIRO, Ana Luiza Almeida e ALMEIDA, Marcelina das Graças. **Revendo a história: Imagem e Som**. Gestão do Acervo Documental recolhido no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design. Relatório final do projeto financiado pela FAPEMIG. Belo Horizonte: UEMG, 2014.

Pesquisas de memórias familiares e imagéticas do vestuário infantil da década de 1940 e de modelagem de resíduo zero para o desenvolvimento de coleção de moda infantil

Fabiana Guimarães[40]
Luciana Duarte[41]
Juliana Barbosa[42]

Resumo Expandido

Este trabalho apresenta uma pesquisa imagética e de memórias da década de 1940, tendo como objetivo a concepção de uma coleção de vestuário infantil. A pesquisa teórica aborda o conceito de infância, a história do vestuário infantil, o vestuário infantil na década de 1940, estilistas contemporâneos que desenvolvem vestuário infantil, bem como estilistas que utilizam a técnica de modelagem de resíduo zero. A partir da pesquisa teórica foi possível relacionar a visão que se tem da infância com a evolução do vestuário infantil. A busca por uma nova estética no mercado de moda infantil justifica a utilização da modelagem de resíduo zero além de apresentar uma alternativa para as confecções diminuírem seus resíduos, seus custos e facilitarem seus descartes. A pesquisa imagética do vestuário dos anos 1940 e a pesquisa das memórias norteiam juntamente com o processo de modelagem de resíduo zero o desenvolvimento dos looks. Por fim, é observada a viabilização e a oportunidade do desenvolvimento da coleção infantil pela técnica de modelagem utilizada. Conclui-se que a pesquisa imagética confirma alguns pontos da pesquisa teórica, que a modelagem *zero waste* reduz custos e modifica a estética e que faltam trabalhos a respeito da moda infantil da década de 1940 além de trabalhos relacionando moda infantil com modelagem de resíduo zero.

Palavras-chave
Vestuário infantil; moda infantil 1940; modelagem de resíduo zero; zero waste

Referências

BARBOSA, Rita Cláudia Aguiar; QUEDES, Walkiria. Vestuário e infância: entre a adequação e as determinações sociais. In: III ENCONTRO LATINOAMERICANO DE DISEÑO, 5, 2008. Universidad

40 Graduanda em Design de Moda pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalho apresentado no GT-5 Design: história e memória. E-mail: fabyguimaraes@hotmail.com.
41 Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Minas Gerais e Designer de Produto pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: lucianjung@gmail.com
42 Mestranda em Design de Moda pelo Centro Universitário UNA e Coordenadora e professora do curso Design de Moda da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de Moda do Centro Universitário UNA. E-mail: julianawinck@eba.ufmg.br.

de Palermo. Anais...Buenos Aires:Imprenta Kurz, 2008. 31-34. Disponível na internet por: fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/archivos/1_libro.pdf Acesso em 20/08/2014

KERN, Mônica Tonding. História da moda infantil no século XX: Revista do Globo. Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de graduado, Curso de Design de Moda, Centro Universitário Feevale, 2006. Disponível na internet por http em: <http://ged.feevale.br/bibvirtual/Monografia/MonografiaMonicaKern.pdf>. Acesso em 08/11/2012.

LURIE, Alison. A Linguagem das Roupas. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PAMPLONA, Renata Silva. O olhar Rousseauniano sobre a infância. 2005. Disponível na internet por http em: http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/viewFile/100/91Acesso em 20/08/2014

RISSANEN, Timo. From 15% to 0: Investigating the creation of fashion without the creation of fabric waste. 2005. Creativity: Designer Meets Technology, Europe 27-29, September 2005. Copenhagen, Denmark. p.1-2. In: www. s3.amazonaws.com Disponível na internet por http em: <http://s3.amazonaws.com/mendeley-pdf-previews/fd/6a/fd6a443c6cdc8d4b799ccf54fe23896d72f74908_1.png>. Acesso em 27/06/2012.

SANTANA, Suzana Aparecida. Pedagogias do vestir e moda infantil: contribuições da zig-zig-zaa para a alfabetização e para a formação das identidades de gênero. 2011. Universidade Estadual de Maringá. In: www.dfe.uem.br. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Suzana_de_Santana.pdf. Acesso em 05/12/2012.

SARMENTO Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto.2004. In: www.cedic.iec.uminho.pt. Disponível na internet por http em: <http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em 08/11/2012

De Peirce ao Cosmos: análise semiótica das imagens visuais a partir das percepções de visitantes em uma exposição de astronomia

Délcio Julião Emar de Almeida[43]
Maurício da Silva Gino[44]
Ronaldo Luiz Nagem[45]

Resumo Expandido

O artigo apresenta a análise semiótica dos objetos desenvolvidos para uma exposição de astronomia, a partir das percepções de visitantes, investigação que faz parte de dissertação de mestrado defendida em 2012. Para tal, foi organizado um projeto exposicional, a qual enfatiza a importância do *design* dos artefatos visuais que o compõem, no sentido de discutir a efetiva atuação dos profissionais da imagem nos processos de ensino e divulgação científica. Para o desenvolvimento da pesquisa foi concebido um objeto simulador de efeitos siderais, nomeado Modelo Análogo ao Espaço Sideral em 3D no Meio Fluido – MAES-3DMF. Posteriormente, foi organizada a exposição – *design* de painéis informativos, projeto de sinalização, ambiente para projeções multimídia e a sala dos MAES-3DMF propriamente ditos. Objetivando expandir os horizontes da divulgação dos temas relacionados à ciência, buscou-se organizar um grupo de sujeitos de pesquisa heterogêneo, não necessariamente associados a instituições de ensino regular. A pesquisa, portanto, se caracterizou qualitativa, se apoiando em questionários, observação estruturada participativa, *Think-aloud Protocol* e grupo focal. Os sujeitos de pesquisa seguiram um roteiro preestabelecido, no intento de constatar impressões, atos, reações e relatos, com os quais foi possível verificar o processo de interpretação dos signos que compunham a exposição, de acordo com os princípios da Teoria Geral dos Signos (PEIRCE, 2005). Os resultados da análise apontaram a importância do papel do *design* na concepção de projetos destinados à divulgação de conteúdos científicos à luz da dinâmica representacional dos signos, ou seja, dos objetos, imagens, palavras, sons e diálogos, mediadores das relações de significado nos processos de comunicação e construção do conhecimento.

Palavras-chave
Semiótica peirceana; signos; design; analogias; museus de ciências

Referências

BROECK, F. V. 1989. O uso das analogias biológicas. **Design e Interiores: Revista Brasileira do**

43 Mestre em Educação Tecnológica, Designer e Professor no Centro Universitário de Belo Horizonte-UNIBH. Trabalho apresentado no GT 3 - Interfaces criativas e comunidades virtuais dos quadrinhos para o cinema de animação. delcio.artes@gmail.com.
44 Doutor e Professor na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. E-Mail: mauriciogino@globo.com
45 Pós-Doutor e Professor no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais-CEFETMG. E-mail: ronaldonagem@gmail.com

Design Industrial, Comunicação Visual e Arquitetura de Interiores. São Paulo, ano 2, n. 11, p. 97-99.

CHELINI, M.J. E.; Lopes, S. G. B. C. 2008. Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 205-238. jul./dez.

CURY, M.X. 2004. **Comunicação museológica**: uma perspectiva teórico-metodológica de recepção. São Paulo: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

DUARTE, M. C. 2005. **Analogias na educação em ciências**: contributos e desafios. Investigações em Ensino de Ciências – V10(1), p. 7-29, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

ELIAS, D. C.N.; Amaral, L. H. & Araújo, M. S. T. 2007. Criação de um espaço de aprendizagem significativa no planetário do parque Ibirapuera. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, São Paulo, v. 7, n. 1.

EMAR DE ALMEIDA, D. J. 2012. **Multiverso: reconstrução de modelo análogo ao espaço sideral para divulgação da ciência**. 2012. 143 f. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais CEFET-MG, Belo Horizonte.

GENTNER, D. 2002. Psychology of Mental Models. In: Smelser, N. J.; Bates, P. B. (Ed.). **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**. Amsterdam: Elsevier Science, p. 9683-9687.

GLYNN, S. 1994. **Teaching science with analogy**: a strategy for teacher and textbook authors. Reading Research Report, USA (National Reading Research Center. Universities of Georgia and Maryland) n. 15.

GOMBRICH, E. H. 1995. **Arte e Ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 473 p.

GRIFFIN, J. 1998. Learning science through practical experiences in museums. **INT. J. Sci. EDUC**. Australia, v. 20, n. 6, p. 655-663.

HARRISON, A. G. & TREAGUST, D. F. 2006. Teaching and learning with analogies: friend or foe? In: AUBUSSON, P. J. et al. (Ed.). **Metaphor and Analogy in Science Education**. Netherlands: Springer, p. 11-24.

JOHNSON-LAIRD, P. 1993. **Mental models**: towards a cognitive science of language, inference and consciousness. Cambridge, MA: Harvard University Press.

KRAPAS, S.; Queiroz, G.; Colinvaux, D. & Franco, C. 1997. **Modelos**: uma análise de sentidos na literatura de pesquisa em ensino de ciências. Investigações em Ensino de Ciências, V2(3), p. 185-205.

MARANDINO, M. & DÍAZ ROCHA, P. E. 2011. La biodiversidad en exposiciones inmersivas de museos de ciencias: implicaciones para educación en museos. **Enseñanza de las Ciencias**, 29(2), p. 221–236.

MOLES, A. A. 1971. Em busca de uma teoria ecológica da imagem?. In: THIBAULT-LAULAN Anne-Marie (Org.). **Imagem e comunicação**. Tradução de Maria Yolanda Rodrigues. São Paulo: Melhoramentos, p. 49.

MOREIRA, M. A. 1996. Modelos mentais. **Investigações em Ensino de Ciências**. Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 193-232.

NAGEM, R. L. 1997. **Expressão e Recepção do pensamento humano e sua relação com o processo de ensino e de aprendizagem no campo da ciência e da tecnológica** – imagens, metáforas e analogias. Seminário Educação em Ciências. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

NAGEM, R. L.; Carvalhares, D. & Dias, J.A. 2001. **Uma proposta de metodologia de ensino com analogias**. Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n. 1. p. 197-213.

NIEMEYER, L. 2003. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB.

NORMAN, D. A. 1990. **The design of everyday things**. New York: Basic Books, 261 p.

NÖTH, W. 1995. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume.

OLIVA, J. M.; Navarrete, A. & Azcárate, P. 2005. Las analogías como recurso en la clase de ciencias: distintos perfiles docentes. **Enseñanza de las ciencias**, Número Extra, VII Congreso.

OLIVEIRA, A. F. & NAGEM, R. L. 2010. Gênese, construção e aplicação de modelo analógico para o ensino de conceitos sobre astronomia. **II SENEPT – Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica**.

PEIRCE, C. S. 2005. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. 2. reimp. de 2000. São Paulo: Perspectiva.

QUEIRÓZ, G.; Krapas, S.; Valente, M. E.; David, E.; Damas, E. & Freire, F. 2002. **Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências**: o caso dos mediadores do Museu de Astronomia e Ciências Afins / Brasil. Espanha: I Encontro Ibero-americano sobre Investigação em Educação em Ciências.

RAMEY-GASERT, L.; Walberg III, H. J. & Walberg, H. J. 1994. Reexaming connections: museuns as science learning environments. **Science Education**, 78(4), p. 354-363.

SANTAELLA, L. 2010. **Semiótica Aplicada**. 5. reimp. da 1. ed. 2002, São Paulo: Cengage Learning, 186p.

SANTAELLA, L. 1983. **O que é semiótica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.

SANTAELLA, L. & NÖTH, W. 2008. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Iluminuras, 222 p.

SARTRE, J.P. 1996. **O imaginário**. São Paulo: Ática, 254 p.

TERRAZZAN, E. A.; Pimentel, N.L.; Silva, L.L.; Buske, R. & Amorim, M. A.L. 2005. Estudo das analogias utilizadas em coleções didáticas de física, química e biologia. **Enseñanza de las Ciencias**, NEC/CE/UFSM. Brasil, VII Congreso.

THIBAULT-LAULAN, A. M. 1971. **Imagem e Comunicação**. In: THIBAULT-LAULAN, A. M. (Org.). Imagem e comunicação. São Paulo: Melhoramentos, p. 17.

Resgate da memória cultural através de imagens

Taís de Souza Alves Coutinho[48]

Resumo Expandido

O trabalho é o resultado de um projeto de pesquisa do Programa Institucional de Iniciação Científica BIC JR UEMG/FAPEMIG, realizado nos anos de 2012 e 2013, pela UEMG, unidade Ubá. Foi realizada uma pesquisa no arquivo histórico do município de Ubá para que pudesse ser identificado na cidade o material fotográfico sobre a evolução econômica, cultural e história da cidade, por meio de imagens. Esse material foi identificado em uma ficha cadastral, contendo a fonte, a propriedade intelectual, as principais condições das imagens que servirão como fonte de pesquisa para o município. A ideia foi ressaltar a relevância da fotografia como marco da identidade e memória cultural de um povo, podendo funcionar como um registro da história de uma sociedade. A busca da identidade nacional é um produto do século 19 e está marcada por este profundo romantismo que acabou por transformar a história brasileira numa lenda de cunho familiar, onde um mandato utópico é transmitido de pai para filho alcançando finalmente o neto (DECCA, 2002, p. 20). O objetivo foi ir além desse conceito e identificar o que as imagens podem representar como parte desse processo de reconhecimento de si mesmo e do grupo em que se vive. Quais as possibilidades que o estudo e pesquisa dessas imagens podem trazer para a comunidade? A imagem fotográfica pode traduzir muito do que uma comunidade foi e continua sendo, sobre diversos aspectos. Assim foram manifestadas as experiências retratadas no ciclo econômico de Ubá desde a agricultura até o setor industrial, embasando-se principalmente no polo moveleiro, com o objetivo de demonstrar o valor da cultura e identidade de um povo, a partir de sua memória fotográfica.

Palavras-chave
Resgate; Memória; cultura; identidade; fotografia.

Referências

DECCA, Edgar Salvatori. Tal pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. In: CHIAPPINI, Maria Stella Bresciani (Orgs). **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

Agência Boom Criações. História do nosso polo. Ubá, MG, 2011.

Carrara, Ângelo Alves. ESTRUTURAS AGRÁRIAS E CAPITALISMO: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata Mineira (seculos XVIII e XIX). Mariana, MG, 1999.

Marques, Marlene. Ubá 150 anos: construindo a nossa história. - 1. ed. - Ubá, MG, 2007.

48 Mestre. Professora UEMG. GT4.tais.alves@uemguba.edu.br.